

Sumário

Correspondência

Mário de Andrade
&
Tarsila do Amaral

Organização, introdução e notas:
Aracy Amaral

edusp

EB

9 (MA)

São Paulo, 13 de outubro de [1923].

Exma. Sra. Tarsila do Amaral

Tarsila

Apresento-te a Sra. Helena Machado²¹ que foi minha aluna durante algum tempo. É uma bela inteligência curiosa e incansável. Tenho por Helena grande estima e como sei que me dispensas um pouco da tua grande bondade peço-te que estendas essa bondade sobre Helena e que a protejas em Paris. Ela quer conhecer um pouco mais do que geralmente os estrangeiros conhecem de Paris. E, espírito bastante livre, quer observar as novas manifestações das artes que tanta dificuldade há em conhecer aqui. Poderás indicar-lhe pois os Salões e exposições que deva visitar e dar-lhe-ás um pouco dos teus conselhos e saber. Como Helena quer estudar um pouco de piano em Paris terás a bondade ainda de lhe proporcionar um encontro com o Souza Lima que lhe indicará professores. Agradeço-te imensamente o que fizeres por ela. Será mais uma maneira de aumentar — se possível — a admiração e amizade respeitossíssimas que te dedico.

Mário de Andrade.

Tarsila: Sua Obra e Seu Tempo, vol. 1, pp. 368-369.

10 (MA)

[São Paulo], 15 de novembro de [1923] - Viva a República!

Tarsila, minha querida amiga:

(Agora a letra corrente da conversa:)

Cuidado! fortifiquem-se bem de teorias e desculpas e coisas vistas em Paris. Quando vocês aqui chegarem, temos briga, na certa. Desde já, desafio vocês todos juntos, Tarsila, Oswald, Sérgio²² para uma discussão formidável. Vocês foram a Paris como burgueses. Estão *épatés*²³. E se fizeram futuristas! hi! hi! hi! Choro de inveja. Mas é verdade que considero vocês todos uns caipiras em

Paris. Vocês se parisianizaram na epiderme. Isso é horrível! Tarsila, Tarsila, volta para dentro de ti mesma²⁴. Abandona o Gris e o Lhote, empresários de criticismos decrépitos e de estesias decadentes! Abandona Paris! Tarsila! Tarsila! Vem para a mata-virgem, onde não há arte negra, onde não há também arroios gentis. Há MATA VIRGEM. Criei o matavirgismo. Sou matavirgista. Disso é que o mundo, a arte, o Brasil e minha queridíssima Tarsila precisam²⁵.

21. Não conseguimos outros dados sobre esta aluna de Mário. Na correspondência de Helena Machado ao escritor, no IEB, há apenas duas breves mensagens: um postal de Bordeaux, datado de 8 de abril de 1925, e um cartão de visitas, muito tardio, de 1941, desejando a Mário "feliz regresso a São Paulo", de volta de seu trabalho no Rio de Janeiro.
22. Sérgio Milliet, então em Paris.
23. Esta carta tem o tom de um manifesto. É como uma antecipação, seis meses antes, ao manifesto "pau-brasil", de Oswald de Andrade, depois das viagens ao Rio de Janeiro e cidades históricas de Minas Gerais. E, de certa forma, Mário, com graça e ironia chama seus amigos de deslumbrados por estarem em Paris conhecendo personalidades. É seu jeito de devolver a jactância de Oswald contando-lhe de suas novas amizades com Cendrars, Romaines etc. Assim como a Tarsila, ao contar-lhe dos amigos franceses que freqüentam seu ateliê.
24. Mário desconhecia, contudo, que Tarsila, a esta altura, já havia pintado *A Caipirinha*, inspirada como dissera ela em carta de 19 de abril de 1923 à sua família, em suas lembranças de infância: "As reminiscências desse tempo vão se tornando preciosas para mim. Quero, na arte, ser a caipirinha de São Bernardo, brincando com bonecas de mato, como no último quadro que estou pintando. Não pensem que essa tendência brasileira é mal vista aqui." (A. Amaral, *op. cit.*, vol. 1, p. 84). A tela focaliza as populares bonequinhas confeccionadas pelas crianças do interior com palha de milho. Embora pintura de transição, não madura do ponto de vista formal, já assinalava o caminho de *Rio de Janeiro* e *A Negra*, ambas ainda desse ano.
25. Ao tocar no Rio de Janeiro, de regresso ao Brasil, Tarsila dá entrevista intitulada "Tarsila do Amaral, a interessante artista brasileira, dá-nos as suas impressões" (*Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 25 dez. 1923), ocasião em que reafirma sua crença na revolução do cubismo: "Os cubistas estão lançando as bases da arte futura. São simplesmente artistas do seu tempo, mas tornam-se futuristas aos olhos dos rotineiros". Ao mesmo tempo lembra que o grupo brasileiro de intelectuais e artistas, assim como Oswald de Andrade com sua conferência na Sorbonne estão numa "verdadeira missão de propaganda brasileira" em Paris. Mas não deixa de falar sobre seus planos: "Pretendo, sobretudo, trabalhar. Sou profundamente brasileira e vou estudar o gosto e a arte dos nossos caipiras. Espero, no interior, aprender com os que ainda não foram corrompidos pelas academias". É dessa entrevista sua famosa expressão "O cubismo é exercício militar. Todo o artista, para ser forte, deve passar por ele". Paulo Silveira, poucos meses depois, daria uma pista para essa expressão, na verdade, já emitida anteriormente por Vlaminck que declarara: "*L'uniforme cubiste* est pour moi très militariste et vous savez combien je suis peu 'genre soldat'. La caserne me rend neurasthénique et la discipline cubiste me rappelle les paroles de mon père: — *Le régiment te fera du bien!*" (Paulo Silveira, "Almoço Ajantarado", *O Paiz*, Rio de Janeiro, 24 fev. 1924).

Se vocês tiverem coragem venham para cá, aceitem meu desafio.
E como será lindo ver na moldura verde da mata, a figura linda, renascente
de Tarsila Amaral. Chegarei silencioso, confiante e te beijarei as mãos divinas.

Um abraço muito amigo do Mário.

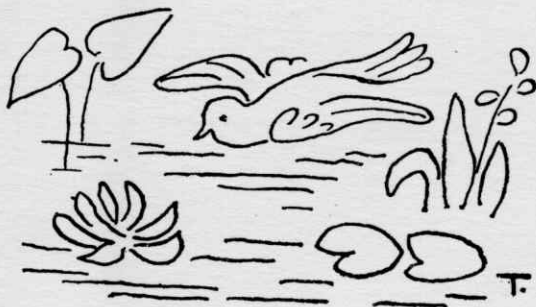
Carta assinada: "Mário"; datada: "15 de novembro — Viva a República!";
autógrafo a tinta preta; papel azul, filigrana; 1 folha; 28,0 x 21,6 cm; rasgamentos
em todas as bordas. Nota TA: "1923".

15 de Novembro - Viva a República!
Tarsila, minha querida
amiga:
(Agora a letra correte de conversa.)
Cuidado! fortifiquem-se bem de
teorias e desculpas e coisas vistas em
Paris. Quando vocês aqui chegarem,
tenho certeza, ~~de~~ certa. Dêem-lhe
refúgio vocês todos juntos, Tarsila,
Oswaldo, Pergid para uma discus-
são formidável. Vocês foram a
Paris como burgueses. Estão espatés.
E se ficaram futuristas! li! li!
li! Ohoro de inveja. Mas é ver-
dade que considero vocês todos
seus capifros em Paris. Vocês
se parisiânizaram na epiderme.
Isso é horrível! Tarsila, Tarsi-
la, volta para dentro de ti mes-
ma. Abandona o gris e o
plote, surprezarios de críticas -
mos decrepitos e de estenias

PAULO DUARTE

MÁRIO DE ANDRADE POR ELE MESMO

PREFÁCIO DE
ANTÔNIO CÂNDIDO



Segunda edição corrigida e aumentada

HUCITEC
PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
Secretaria Municipal de Cultura
São Paulo, 1985

S. Paulo, 11 de agosto de 1924.

Meu querido Sergio

Um grande abraço e obrigado pelas notícias. Tua carta me trouxe de relativa alegria. Relativa porque estes dias de por-revolução não permitem alegria total. A gente começa a pensar sobre o Brasil, destino do Brasil, o horror da aventura passada e não há como tirar-se de ideias acurridadoras. Não te descrevo nada. Dizes que a censura anda por aí e não quer que se vába na Europa o que houve. Paciência. Quanto à cidade só te digo que arrastamento não houve. Quem anda pelos nomes todos quer nada perceber. Uma machucadura pelos Campos Elísios, outros na rua Floriano de Abreu. Horrível ficou a Mocca.

Ninguém do nosso grupo se prejudicou, nem se meteu na revolução. Vai tudo bem. Imagino o pensamento trabalhando de volta quando voltarem aí da aventura. Até sorrio pensando no que vocês imaginaram, cabeças de artistas. O prejuízo não foi tanto físico e epidêmico. Mas por dentro, Sergio, foi um desastre. 30, 30, quantos anos de viver? Ainda não se pode imaginar bem. E o veneno substituído.

Não quero e me peço a falar da revolução. Agora não fale mais. Olha você escrevendo umas cartas de Paris para Ariel que saíram com um nome francês imaginário. E o sujeito diz que conhece o Sousa Lima. Vão lá! Aviso os outros, por favor, para que não se enganem. Além é brincadeira que não faz mal. Não poderia arranjar com o Sousa Lima para que escreva qualquer coisa para Ariel? Sem pagar, naturalmente. O estado financeiro da revista é miserável. "Deficit": um canção.

Tomai a direção da revista, porque o Sr. Pereira não tinha coragem para guiá-la, torná-la acessível a este público banido do Brasil. Pois eu posso? Não. Fiz revista informativa, mais variada, sem artigos pesados, cheia de notícias atuais e coisas boas e novas. Compreendais: se não vou de elegia amada. O certo vai por conta da direção da revista. Vamos ver se a coisa vive. Também se não sou capaz de nada, estou disposto a me naturalizar ali, ou, está aí uma ideia original: naturalizemo-nos lá. E a Vós? Por que não me escreveis? E Aníbal? O que fazes? Não dizas sobre ela de horrível. Estará perdida mesmo? Ainda conservo uma esperança.

5 horas: Vienense. Rubens, três Vicente, Cendrars, Paulito, Taci.³ Não sei do Osvaldo há mais de mês. Tarsila vi ontem. Andaram pela fazenda, fugidos. Parte para Paris nestes quinze dias. O Rubens deixou definitivamente a *Revista do Brasil*. Não sei o que anda por lá e muito menos ele. O pior é que me levou um artigo por 50\$000 e estes não vieram nem virão mais. Esta gente leviana e que arranja dinheiro com avós e sinecuras não sabe nem se incomoda com as necessidades dos outros. São uns merdas duns egoístas, isso é que são. Paulo⁴ incluído.

E tu, quando vens? Que fazes? De versos, nada? E *L'Oeil de Boeuf*? Eu protesto enérgicamente porque faço questão de ter o livro. Aparecem revistas modernas em Minas e no Rio. Queres mandar alguma coisa? Encarrego-me de publicar. Mesmo sem tua licença, vou desfalar o que é teu e está comigo, para o primeiro número de *Moto* de Juiz de Fora. Se te zangas com isso, escreve. Espero deliberação tua para continuar o saque.

*Memórias Sentimentais*⁵ publicadas. É uma delícia. Escrevi longo artigo sobre eles. Quando sair, irá ver-te.

E ciao. Ando apressado.

Repito o abraço do comêço

MÁRIO

10 de Dezembro de 1924

Sergio amigo aqui vai resposta a uma carta tua de 5 de novembro, tão carregadinha de assuntos, puxa, que nem sei se dou resposta a todos. Vou lendo a tua e respondendo. Fazes muito bem em escrever brasileiro. Os benefícios são enormes, Sergio. Principais: A França, como as outras grandes civilizações européias que vieram da Renascença, está num fim de civilização, fim de raça, fim de progresso, decadência que se manifesta principalmente por uma perfeição subtilíssima, educadíssima e fraca. Falta força, falta virilidade, falta franqueza, falta amor. FALTA AR! Olha o próprio modernismo. Coisas de capela, coisas de maçonaria, enigmáticas, neoclassicismo, surrealismo, regrinhas, parnasianismo mascarado, como tu mesmo reconheces na tua carta. O que se nota principalmente, Sergio, é isto: Uma grande, infinda, dolorosa per-

3. Rubens Borba de Moraes, Vicente de Paula Vicente de Azevedo, Blaise Cendrars, Paulo Nogueira Filho, Tácito de Almeida.

4. Paulo Prado.

5. *Memórias Sentimentais* de João Miramar, de Oswald de Andrade.

plexidade. Ninguém sabe pra onde ir. Querem caminhar pra frente mas ninguém sabe onde está a frente porquê tudo foi destruído e no meio de ruínas iguais não se percebe de que lado estão o Norte e Sul. Dessa perplexidade horrível exemplo característico é Cocteau, o catavento-mor e historicamente talvez o tipo mais representativo da arte francesa contemporânea. Não nego os benefícios que o modernismo francês e europeu trouxe pra arte do universo. Questão de velha experiência cujo exemplo nos repôs na liberdade sincera atual. Também é só isso. Agora livres, pelo exemplo dos europeus, vamos seguir o nosso caminho que é todo diverso do da Europa desinteressante. Essa gente d'aí afinal nada mais fez que desenvolver o lema do século 19, arte pela arte, e nisso está, nisso caiu. Gênero de elite refinada, gasta, silenciosa, sem coragem, pessimista, civilização morta. Afinal a franqueza, a naturalidade, a liberdade não existiu na Europa senão mascarada. Confesso-te: a Europa com todos os seus atrativos e artes refinadíssimos não me causa agora senão um grande fastio, uma fadiga e um bocejo. Não aturo modernista nem de França nem de Alemanha. Foi tudo um sonho mirabolante de ópio, um atordoamento de cocaína e eter. Passou o sonho e o atordoamento. Em seguida que vem? Já se sabe: o estômago em mal-estar, náusea, cansaço, horror. A humanidade não tinha mais por onde progredir. Recomeçou de novo. Nós hoje estamos num período caótico, período de povo, período de selvagens, de primitivos. Só os oligarcas vencem. Depois são assassinados, expulsos e substituídos por outros oligarcas. Regime da tirania da força física ou intelectual. Um homem corajoso na frente. E a manada atrás, cega, carneiro, cabeça baixa, obedecendo. Olha a Rússia, a Alemanha, a Itália, a Espanha. O mundo está nesse período de descivilização. Nem cultura nem filosofias. Período selvagem de crença pura, de fé, de credence, de esperança. As artes pra interessarem têm de se tornar impúrias. Têm de interessar por coisas relativas à vida, ao homem, à terra. Nada de arte pela arte, pessimismo diletante, estilo requintado. A arte dos períodos primitivos é sempre arte interessada, religiosa num sentido geral. Quero dizer: arte que fale de amor, de fada, de pátria, de família, de Deus. Arte que seja arte não vale mais nada e nos cansa. É preciso uma arte ingênua, franca, boba, virgem, que seja Deus, que seja pátria, família, etc., coisas da vida que preocupam. Arte comestível que encha barriga. Aí na França não tens nada a fazer porque o fundo Costa e Silva que subsiste em ti não te permite a sujeição às escolinhas, às capelas. Aí se entrares em capela tenho certeza que serás vitorioso. Pela capela. Só então poderás subir dela pra uma situação mais geral por meio... de concessões tuas e diplomacia. É o caso de Cocteau e muitos outros. E isso ha-de ser mortal-

mente doloroso pra quem como tu tem a mata-virgem atrás da casa e está cheirando cajú-do-campo. Mas a capela é degrau absolutamente necessário pra quem quer subir aí na França e na Europa. Aqui é diferente. Não ha capelas. Há brigas. Há insulto. Calúnia. E o modernismo teve solução. A perplexidade d'aí não existe aqui porquê um problema resolveu tôdas as hesitações. Problema atual. Problema de ser alguma coisa. E só se pode ser, sendo nacional. Nós temos o problema atual, nacional, moralizante, humano de abrasileirar o Brasil. Problema atual, modernismo, repara bem, porquê hoje só valem artes nacionais. O francês é cada vez mais francês, o russo cada vez mais russo. E é por isso que têm uma função no universo, e interessam, humanamente falando. Nós só seremos universais o dia em que o coeficiente brasileiro nosso concorrer pra riqueza universal. Isso preguei senvergonhamente no meu *Noturno de Belo Horizonte* e vivo a dizer em quanta carta escrevo e conversa que converso. E o problema ainda é atual porquê damos um destino interessado à nossa arte e nos livramos da arte pela arte, de De Esseinte, de Dorian Gray. Aqui no Brasil tens o teu pôsto e o teu destino. O homem só é feliz no dia em que atinge o seu pôsto e realiza o seu destino.

Essa história dos que atacam a literatura e são literatíssimos é muito cômica. Eu já observara isso quando o Cendrars esteve aqui. Homem pourri de literatura e que vive a maldizer dela. O defeito pegou. Ante-ontem ainda, Rubens caçoava de mim e do Couto porque no curso conversávamos literatura. Esse ódio à literatura tem sua razão de ser desde que se queira falar da literatura literatice, arte de escrever bonito pra inglês ver. Mas esta gente passou essa justiça pra um modo de ver geral. Isso se explica. São sujeitos muitas vezes sem coragem pra lutar. Começam uma coisa e não têm coragem pra continuá-la por falta de paciência, falta de querer se sacrificar, falta de estudos e infecundidade e perplexidade. Cendrars que dizia e não cumpria, cheio de fachadas e de lembranças, fez mais mal aqui do que bem. A culpa não é tanto dêle. É da feminilidade da nossa gente. Se entregaram e vivem agora a imitá-lo. Os fortes não. Veja o Couto que continua calmo na sua rota sem se importar com ninguém. Veja Tarsila que resolveu o problema dela e vai indo prá frente. Mas o Rubens por exemplo está se perdendo. O Osvaldo também que caiu em admiração idiota por tudo quanto é brasileiro e vive a se insurgir contra a erudição e pregando analfabetismo. É uma pena. Eu, ninguém precisou de me vir dizer que o Brasil era interessante. E não tenho vergonha de afirmar, de escrever letras, de estudar e de me apoiar na lição dos maiores. Vou calmo e vou feliz, graças a Deus!

O Villa¹ chegou ontem aqui em São Paulo. Ainda não o vi. O Osvaldo² está em Paris. Já o viste? Acho que vocês são um pouco injustos com Anita.³ Ela me mandou um desenho excelente e os croquis de varias composições novas. Excelentemente bem construídos.

Vamos ter uns dias interessantes. Eu principalmente. Hoje curso sobre Dante em casa de dona Olivia, por um italiano inteligentíssimo. Sociedade deliciosa, escolhida a dedo, sem freitasvalismo. Com o Villa havemos de pandegar à larga. Houve aqui, 7 e 8, um admirável concurso de crianças pianistas. Juri: Oscar Guanabara!! Antonietta Rudgee Miller, Souza Lima, Sá Pereira e eu. Foi uma delicia de dias. Discussões, paixões, lutas, descompostura no juri, já se sabe. Divertimo-nos. Piolim cada vez mais sublime. Fui lá sábado com dona Olivia, as filhas e maridos, Thiollier e mulher. Estupendo. Piolim fez uma declaração de amor simplesmente genial. Concordaram todos em dizer que ele é superior aos Fratellini. É também opinião do Couto e do Paulo Prado. Este não vejo há duas semanas. Não pude ir almoçar com ele domingo. Que mais? Rimos muito com o teu soneto. Ronald no Perú. Graça fazendo merdices. Que arara e que pretensioso! Eu corrigindo provas da Escrava. Que livro francês estás publicando, heim? *Le Coc et l'Arlequin*?

E até logo. Estou cansado e de repente me deu uma pressa de ir tomar banho. Um abraço certo

MÁRIO

(1925) [dez 1924]

Sergio caro,

bom dia. Aqui vai a Noite Brasileira. Em português chamo o conto de Brasília.⁴ Mas prá tradução acho melhor o *Noite Brasileira*. Tem dois ou três passos que acho quase impossível traduzir. O caso do professor ensinando o rapaz a pronunciar "não". Perderia o sabor em francês. Corte isso é melhor. Enfim deixo tudo à discreção de você. Faça o que quiser e como quiser. Esse conto era dedicado pra você, creio que você sabe disso. Depois tirei a dedicatória porque ele deve sair num livro de contos passadistas e a razão principal é que comecei a achar que você merecia coisa de mais importância. Creio que você já sabe o quanto gosto da sua arte e a admiro. É natural que eu procure homenagear melhor não o amigo, mas o artista. Pro amigo tudo é prova de amizade e o

1. Villalobos.
2. Oswald de Andrade.
3. Anita Malfatti.
4. Publicado em *Primeiro Andar*.

JOAQUIM INOJOSA

O MOVIMENTO MODERNISTA EM PERNAMBUCO

2.º VOLUME

RIO

GUANABARA

De MARIO DE ANDRADE

São Paulo 28 de Novembro de 1924.

Joaquim Inojosa, eu já lera o seu opúsculo "A Arte Moderna" quando me veio às mãos o exemplar que você me mandou pelo Rubens (73). Reli-o com prazer. O que você está fazendo aí no norte é realmente um trabalho muito bonito e de grande valor. E benéfico, verá. Aliás pelas próprias citações que você faz de versos daí do norte bem se percebe que esta ânsia de renovação acentuada depois da guerra e alastrada por todo o mundo considerado como civilizado inquieta também essa mocidade nortista que eu tanto desejaria conhecer. Mas como ainda é difícil o Brasil, santo Deus! Daqui pra aí é ainda um romance de Júlio Verne e eu não tenho as folgas necessárias para viver esse romance (74). Só entrei em relações com o Luís da Câmara Cascudo, rico espírito rapidíssimo. Dos outros não sei nada senão o que você conta. E de alguns tive vontade de saber mais alguma coisa. Agradeço-lhe de coração o exemplar da "Arte Moderna" e breve lhe corresponderei à lembrança com a minha "Escrava que não é Isaura", já em impressão. É um trabalho muito velho. Tem dois anos e tanto. Isso pra evolução rapidíssima em que vamos é uma existência inteira. Creio que ainda poderá ser um pouco útil aos moços do Brasil e é só por isso que o faço imprimir. Pra nós brasileiros é uma dificuldade enorme saber exatamente quais as teorias modernistas da Europa e dos Estados-Unidos, porque os livros que tratam delas, não são livros de exportação. É preciso ter essa paciência enorme de mandar buscá-los, catando aqui e além no jardimzinho das capelas artísticas o que há de mais importante e mais útil.

(73) Rubens: Rubens Borba de Moraes.

(74) Esse "romance", Mário de Andrade o "viveria" quatro anos depois, trazendo, de volta do Amazonas, todos os subsídios para o que seria "Macunaíma".

Nesse livro meu, procurei resumir claramente os ideais gerais modernizantes que me pareceram mais úteis ou dignos de chamar a atenção dos que querem aprender. Creio que por êle se poderá adquirir (falo e escrevo brasileiro atualmente) aquêlê discernimento necessário pelo qual se separarão com mais justeza do que ainda se faz no Brasil, o que representa os ideais modernistas e o que os não representa. Nessa confusão você mesmo caiu enumerando no seu opúsculo gente passadista mais prejudicial que um parnasiano, gente de Rio e S. Paulo muito fácil de se confundir com os modernistas porque além de mais próxima de nós (simbolistas, post-simbolistas) usa muitas vezes de processos exteriores nossos que lhes escondem inteiramente o corpo errado. O que é preciso é adquirir espírito modernista e não processos modernistas. A gente pode muito bem fazer um soneto bem metrificado e rimado e ser modernista apesar disso. É verdade também que com sentimento moderno a gente pouca inclinação tem pra escrever sonetos....

A minha "Escrava", derivada duma explicação oral que fiz da poética modernista universal, reflete necessariamente e demasiadamente ideais europeus. Ora isso me desgosta no livro porque é lógico que a realidade contemporânea do Brasil, se pode ter pontos de contacto com a realidade contemporânea da esfalfada civilização do Velho Mundo, não pode ter o mesmo ideal porque as nossas necessidades são inteiramente outras. Nós temos que criar uma arte brasileira. Esse é o único meio de sermos artisticamente civilizados. Quem dentre nós refletir ideais ou apenas sentimento alemão, português ou mesmo americano do norte é um selvagem, não está no período civilizado de criação. Está no período da imitação, do mimetismo a que o selvagem é levado pela dependência, pela ignorância e pela fraqueza que engendra a covardia e o medo. Se é certo que nas conseqüências espirituais que a minha "Escrava" dita, êsse abrasileiramento do brasileiro está implicitamente promulgado, é também certo que a grande maioria se esquecerá de tirar a ilação e verá mais certamente do livro certos ditames práticos mais fáceis de apreender. Veja bem: abrasileiramento do brasileiro não quer dizer regionalismo nem mesmo nacionalismo = o Brasil pros brasileiros. Não é isso. Significa só que o Brasil pra ser civilizado artisticamente, entrar no concerto das nações que hoje em dia dirigem a Civilização da Terra, tem de concorrer pra êsse concerto com a sua parte pessoal, com o que o singulariza e individualiza, parte essa única que poderá enriquecer e alargar a Civilização. Da mesma forma

que do lado prático. Se nós quiséssemos concorrer pra organização econômica da Terra, com o trigo próprio da Rússia ou o vinho próprio da França ou da Itália, a nossa colaboração seria inferior, secundária, subversiva e inútil porque nem o trigo nem o vinho são específicos da nossa terra. Mas com a bofracha, o açúcar e o café e a carne nós podemos alargar, engrandecer a economia humana. Da mesma forma nós teremos nosso lugar na civilização artística humana no dia em que concorrermos com o contingente brasileiro, derivado das nossas necessidades, da nossa formação por meio da nossa mistura racial transformada e recriada pela terra e clima, pro concerto dos homens terrestres. Não acha que eu tenho razão? Mas que trabalho pesado tem de ser o nosso neste país de expressão tão vaga, em formação ainda como os alagadiços páramos dessa Amazônia que me chama diáriamente. Cansa, só de pensar. Mas seria ignóbil não pensar e seria infame e desumano não trabalhar nisso. Vamos trabalhar. Quer vir conosco? (75)

Um abraço e os aplausos de

Mario de Andrade.

("Jornal do Comércio", Recife, 28-12-1924).

Inojosa

Você era capaz de me fazer um grande favor de amigo? Sei que é e não tem nada de difícil o favor. Isto: Você publicou aí uma carta que eu mandei pra você sobre o seu livro e minhas idéias nacionalistas. Tôda ou pedaço não sei porém de qualquer

(75) Dirigindo-se a Manuel Bandeira, em junho de 1925, Mário de Andrade chamava-lhe a atenção para as idéias contidas nesta carta: "Quanto ao Graça, sei que êle descobriu a mesma coisa que eu, porque não me lembro de ter falado pra êle ou pra mesa sobre essa de que é só sendo brasileiro que nos universalizaremos. Essa idéia é minha, já faz tempo. Mais explicitamente, já tenho dito isso em discussão epistolar com os mineiros e com os nortistas. Não sei se disse pra você. Sei que o Inojosa de Pernambuco publicou no "Jornal do Comércio" de lá uma carta minha em que eu falava sobre isso. Minha idéia exata é que é só sendo brasileiro, isto é, adquirindo uma personalidade racial e patriótica (sentido físico) brasileira, que nos universalizaremos, pois que então concorreremos com um contingente novo, assemblage de caracteres psíquicos pro enriquecimento do universal humano. Isto aqui está dito meio complicadamente. Na tal carta está melhor. Vou mandar buscá-la". (Manuel Bandeira — "Cartas de Mário de Andrade" — pág. 83).

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

A lição do amigo

*Cartas de Mário de Andrade a
Carlos Drummond de Andrade*

Anotadas pelo destinatário

Posfácio

André Botelho



COMPANHIA DAS LETRAS

São Paulo, 10 de novembro, 1924

Meu caro Carlos Drummond

Já começava a desesperar da minha resposta? Meu Deus! comecei esta carta com pretensão... Em todo caso de mim não desespere nunca. Eu respondo sempre aos amigos. Às vezes demoro um pouco, mas nunca por desleixo ou esquecimento. As solicitações da vida é que são muitas e as da minha agora muitíssimas e... Quer saber quais são? Tenho o meu trabalho cotidiano, é lógico. Lições no Conservatório,¹ lições particulares. Mas atualmente as minhas preocupações são as seguintes: escrever dísticos estrambóticos e divertidos prum baile futurista que vai haver na alta roda daqui (a que não pertenço, aliás).² Escolher vestidos extravagantes mas bonitos pra mulher dum amigo que vai ao tal baile. E escrever uma conferência sem valor mas que divirta pra uma festa que damos, o pianista Sousa Lima³ e eu, no Automóvel Clube, sexta-feira que vem. São as minhas grandes preocupações do momento. Serão desprezíveis pra qualquer idiota antiquado, aguado e simbolista. Pra mim são tão importantes como escrever um romance ou sofrer uma

recusa de amor. Tudo está em gostar da vida e saber vivê-la. Só há um jeito feliz de viver a vida: é ter espírito religioso. Explico melhor: não se trata de ter espírito católico ou budista, trata-se de ter espírito religioso pra com a vida, isto é, viver com religião a vida. Eu sempre gostei muito de viver, de maneira que nenhuma manifestação da vida me é indiferente. Eu tanto aprecio uma boa caminhada a pé até o alto da Lapa como uma tocata de Bach e ponho tanto entusiasmo e carinho no escrever um dístico que vai figurar nas paredes dum bailarico e morrer no lixo depois como um romance a que darei a impassível eternidade da impressão. Eu acho, Drummond, pensando bem, que o que falta pra certos moços de tendência modernista brasileiros é isto: gostarem de verdade da vida. Como não atinaram com o verdadeiro jeito de gostar da vida, cansam-se, ficam tristes ou então fingem alegria o que ainda é mais idiota do que ser sinceramente triste. Eu não posso compreender um homem de gabinete e vocês todos, do Rio, de Minas, do Norte me parecem um pouco de gabinete demais. Meu Deus! se eu estivesse nessas terras admiráveis em que vocês vivem, com que gosto, com que religião eu caminharia sempre pelo mesmo caminho (não há mesmo caminho pros amantes da Terra) em longas caminhadas! Que diabo! estudar é bom e eu também estudo. Mas depois do estudo do livro e do gozo do livro, ou antes vem o estudo e gozo da ação corporal. Eu neste ponto não aconselho nada porque nisso a gente não se muda por causa de conselhos alheios, mas um dos desastres que impedem a felicidade, que é naturalidade, de vocês está aí: em casa lendo, redação de jornal, café com amigos sobre tal livro, tal escritor, escrever coisas depois, talvez cinema e depois farra com mulheres. Isso não é vida que se leve! Isso é vício. Está muito bem com todas as outras formas de vida juntas, mas assim sozinhos e continuados é miséria, decadência e infelicidade na certa. É horrível. Veja bem, eu não ataco nem nego a erudição e a civilização, como fez o Osvaldo⁴ num momento de erro, ao contrário respeito-as e cá tenho também (comendidamente, muito comendidamente) as minhas fichinhas de leitura.⁵ Mas vivo tudo. Que passeios admiráveis eu faço, só! Mas ninguém nunca está só a não ser em especiais estados de alma, raros, em que o cansaço, preocupações, dores demasiado fortes tomam a gente e há essa desagregação dos sentidos e das partes da inteligência e da sensibilidade. Então a gente fica só por milhões de amigos que tenha ao lado. Se não, não. Um sentido conversa com outro, a razão discute com a imaginativa etc. e é uma camarada-

gem sublime de pessoas tão íntimas como nenhum Castor e Pólux ideais.⁶ E então parar e puxar conversa com gente chamada baixa e ignorante! Como é gostoso! Fique sabendo duma coisa, se não sabe ainda: é com essa gente que se aprende a sentir e não com a inteligência e a erudição livresca. Eles é que conservam o espírito religioso da vida e fazem tudo sublimemente num ritual esclarecido de religião. Eu conto no meu "Carnaval carioca"⁷ um fato a que assisti em plena avenida Rio Branco. Uns negros dançando o samba. Mas havia uma negra moça que dançava melhor que os outros. Os jeitos eram os mesmos, mesma habilidade, mesma sensualidade mas ela era melhor. Só porque os outros faziam aquilo um pouco decorado, maquinizado, olhando o povo em volta deles, um automóvel que passava. Ela, não. Dançava com religião.⁸ Não olhava pra lado nenhum. Vivía a dança. E era sublime. Este é um caso em que tenho pensado muitas vezes. Aquela negra me ensinou o que milhões, milhões é exagero, muitos livros não me ensinaram. Ela me ensinou a felicidade. Bom! não é preciso ninar a vida pra ser feliz dentro dela e ainda tenho umas coisinhas pra lhe dizer e perguntar. Primeiro você me fala numa carta que escrevi ao Martins de Almeida.⁹ Ora, eu já escrevi duas e da segunda não veio resposta. Não sabe se ele a recebeu? Se não, fico seriamente triste porque era longa, não era pensada, não, mas era tão minha, dada de coração, e eu me horrorizo de me pensarem ingrato ou indiferente. Ele que me escreva qualquer coisa. A carta foi registrada pra avenida Paraopeba 272. Segundo: li seu artigo. Está muito bom. Mas nele ressalta bem o que falta a você — *espírito de mocidade brasileira*. Está bom demais pra você. Quero dizer: está muito bem pensante, refletido, sereno, acomodado, justo, principalmente isso, escrito com grande espírito de justiça.¹⁰ Pois eu preferia que você dissesse asneiras, injustiças, maldades moças que nunca fizeram mal a quem sofre delas. Você é uma sólida inteligência e já muito bem mobiliada... à francesa. Com toda a abundância do meu coração eu lhe digo que isso é uma pena. Eu sofro com isso. Carlos, devote-se ao Brasil, junto comigo. Apesar de todo o ceticismo, apesar de todo o pessimismo e apesar de todo o século XIX, seja ingênuo, seja bobo, mas acredite que um sacrifício é lindo. O natural da mocidade é crer e muitos moços não creem. Que horror! Veja os moços modernos da Alemanha, da Inglaterra, da França, dos Estados Unidos, de toda a parte: eles creem, Carlos, e talvez sem que o façam conscientemente, se sacrificam. Nós temos que dar ao Brasil o que ele não tem e que

por isso até agora não viveu, nós temos que dar uma alma ao Brasil e para isso todo sacrifício é grandioso, é sublime. E nos dá felicidade. Eu me sacrifiquei inteiramente e quando eu penso em mim nas horas de consciência, eu mal posso respirar, quase gemo na pletora da minha felicidade. Toda a minha obra é transitória e caduca, eu sei. E eu quero que ela seja transitória.¹¹ Com a inteligência não pequena que Deus me deu e com os meus estudos, tenho a certeza de que eu poderia fazer uma obra mais ou menos duradoura. Mas que me importam a eternidade entre os homens da Terra e a celebridade? Mando-as à merda. Eu não amo o Brasil espiritualmente mais que a França ou a Cochinchina. Mas é no Brasil que me acontece viver e agora só no Brasil eu penso e por ele tudo sacrifiquei. A língua que escrevo, as ilusões que prezo, os modernismos que faço são pro Brasil. E isso nem sei se tem mérito porque me dá felicidade, que é a minha razão de ser da vida. Foi preciso coragem, confesso, porque as vaidades são muitas. Mas a gente tem a propriedade de substituir uma vaidade por outra. Foi o que fiz. A minha vaidade hoje é de ser transitório. Estraçalho a minha obra. Escrevo língua imbecil, penso ingênuo, só pra chamar a atenção dos mais fortes do que eu pra este monstro mole e indeciso ainda que é o Brasil. Os gênios nacionais não são de geração espontânea. Eles nascem porque um amontoado de sacrifícios humanos anteriores lhes preparou a altitude necessária de onde podem descortinar e revelar uma nação. Que me importa que a minha obra não fique? É uma vaidade idiota pensar em ficar, principalmente quando não se sente dentro do corpo aquela fatalidade inelutável que move a mão dos gênios. O importante não é ficar, é viver. Eu vivo. E vocês não vivem porque são uns despaisados e não têm a coragem suficiente pra serem vocês. E preciso que vocês se ajuntem a nós ou com este delírio religioso que é meu, do Osvaldo,¹² de Tarsila¹³ ou com a clara serenidade e deliciosa flexibilidade do pessoal do Rio, Graça,¹⁴ Ronald.¹⁵ De qualquer jeito porque não se trata de formar escola com um mestrão na frente. Trata-se de ser. E vocês por enquanto ainda não são. Responda, discuta, aceite ou não aceite, responda. Amigo eu serei sempre de qualquer forma. Não é a amizade e a admiração que diminuirão, é a qualidade delas. Amizade triste ou amizade alegre e do mesmo jeito a admiração. Desculpe esta longuidão de carta. Eu sofro de gigantismo epistolar. Como vai o Nava?¹⁶ Vocês não arranjam mesmo um jeitinho de vir passar uns dias em São Paulo? Isto aqui é engraçado. Me avisem antes se um dia se aventu-

rarem até aqui. E até logo. Vou lhe mandar uma cópia do "Noturno",¹⁷ é só minha irmã ter um tempinho e passará a versalhada a máquina. Olhe, a *Estética* publicou um poema meu, "Danças", que eu acho que tem alguma coisinha dentro.¹⁸ Reflita e mande me dizer.

Um abraço do

Mário de Andrade

Notas

1. Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, onde em 1917 MA se diplomou no curso de piano. A partir de 1922, aí lecionou história da música e estética. Seu pai, Carlos Augusto de Andrade, era amigo do diretor, Gomes Cardim, e fazia a contabilidade do estabelecimento, onde também estudou seu irmão Renato, falecido em 22 de junho de 1913 aos catorze anos.

2. Em carta a Manuel Bandeira, sem data, mas certamente de novembro de 1924, MA conta o que fará à noite: "Depois venho pra casa, ponho a casaca e vou sapear o baile futurista. Só sapear. À uma hora estarei em casa outra vez". (MA/MB, p. 62) Na carta seguinte, ao mesmo, em 24 de novembro, narra o que foi a festa:

... em vez de voltar do baile à uma hora, voltei às seis e trinta, pleno dia. Esteve estupendo. Mais como divertimento que como beleza. Poucas mulheres vestidas de fantasia. São Paulo é sempre província ainda. Começaram a falar muito e as mulheres ficaram com medo. Algumas doze fantasias só. Aliás o baile não era da sociedade Automóvel Clube. Era dado por um grupo de rapazes ricos. No máximo umas cento e cinquenta pessoas. Das mulheres fantasiadas: uma Caldeira cubista deliciosíssima e uma Fifi Lebre Pádua Safes sublime maravilhosa *clou*. O Segall pedira três contos pra decorar as três salas. Os rapazes, que estavam gastando muito, recuaram e só deram ao Segall uma das salas. As outras decoradas por não sei quem, muito idiota, sem alegria, sem beleza, porcaria. Em compensação a sala do Segall era maravilha. Um espírito, um colorido, uma leveza, uma alegria estupenda. *Clou* também. Em vez de flores, vegetais comestíveis. Não imaginas como é lindo um repolho bem colocado! Tinha um vaso finíssimo cheio de rabanetes e cenouras, verdadeiramente sublime. Uma pândega. Em vez de sapear só, sapeei e dancei. O jazz estava engraçadíssimo. Alegria assim nunca se viu nesta gente macambúzia da minha cidade. (MA/MB, p. 63)

O interesse de MA por bailes que fossem mais do que reuniões dançantes convencionais manifesta-se ainda em 1933, quando escreve estes versos para o convite, desenhado também

por Lasar Segall, do baile de carnaval da SPAM — Sociedade Pró-Arte Madeira (Paulo Mendes de Almeida, *De Anita ao Museu*, p. 45):

E se abre a farra fanfarrã!
Doutores, mendigos, exóticas
Pernas, carruagens estrambóticas
Bancarolas a rataplã,
Heróis nascidos na antevéspera,
Jogadores de boxe e víspora,
Esposas, cascos, besta ruã...
É a fauna urbana e suburbana
Dançando o foxe, a quero-mana
Corda bamba, valsa alemã
Samba, tango, jongo e bolero!
Vinde ver isso ao Trocadero
Na Carnavalada da SPAM!

3. João de Sousa Lima (São Paulo, 1898-1982). Compositor e pianista, primeiro prêmio de piano pelo Conservatório de Paris (1922). MA dedicou-lhe um artigo na *Klaxon* (out. 1922), concluindo:

O que fui procurar no seu concerto, Sousa Lima deu-me com fartura, isto é, a MUSICALIDADE. Por isso afirmei mais atrás que breve será grande intérprete de clássicos e modernos. Não é sentimental, graças a Deus! Acredito pois que nos românticos não atingirá nunca a plenitude de sua personalidade. Como é lindo meu prazer, neste momento, em aplaudir Sousa Lima, grande e corajoso primeiro intérprete brasileiro que soube quebrar as cadeias de pegajoso sentimentalismo a que azarentamente nos fadou o ocasional enlace das três raças tristes!

4. José Oswald de Souza Andrade, isto é, Oswald de Andrade (São Paulo, 11 jan. 1890-22 out. 1954). Romancista, teatrólogo, ensaísta, poeta, foi, juntamente com MA, figura central do movimento modernista. Lançou o *Manifesto da poesia pau-brasil* (1924) e o *Manifesto antropológico* (1928). Autor, entre outras obras, de *Os condenados* (1922), *Memórias sentimentais de João Miramar* (1924), *Pau-brasil* (1925), *Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade* (1927), *Estrela de absinto* (1927), *Serafim Ponte Grande* (1933), *O rei da vela* (1937), *Marco zero* e *A revolução melancólica* (1943), *Chão* (1945), *Um homem sem profissão* (1954).

5. Conta Mário da Silva Brito, *Diário intemporal*, p. 165:

Metódico, extremamente organizado e trabalhador — trabalhador que chegava até a exaustão —, MA mantinha um fichário de que muito se falava — sobre os inúmeros assuntos de sua especialidade, ou sobre outros que, eventualmente, lhe chamassem a atenção, e que, um dia, pudessem ser objeto de estudo mais acurado ou de mera citação. Nas fichas e nos envelopes cheios de papeizinhos com anotações suas, relativas a obras

que havia lido ou a ideias que lhe ocorriam quando andava pelas ruas pensanteando, guardava-se um mundo de conhecimentos, de saber rigoroso, de horas e horas diárias de labor, estudo e paciência. Exibindo-me o famoso fichário, foi dando-me explicações de como procedia e do material que ali reunira:

— Aqui estão as fichas sobre catimbó, por exemplo. Estas são as de pintura. Agora as de crítica. E as de música, e de pintura, e assim por diante.

— E aquelas ali? De que tratam?

— De zoofonia.

6. Ver carta 89, em que, vinte anos depois, MA fala de sua “angustiosa impossibilidade de solidão”.

7. Poema de 1923, incluído em *Clã do jabuti* (OC, II, pp. 159-71).

8.

A baiana se foi na religião de Carnaval

Como quem cumpre uma Promessa.

... A mais moça bulcão polido ondulações lentas lentamente

Com as arrecadas chispando raios

glaucos oiro na luz peluda de pó.

Só as ancas ventre dissolvendo-se em vaivéns de ondas em cio.

Termina se benzendo religiosa talqualmente num ritual.

9. Francisco Martins de Almeida (Leopoldina, MG, 7 jan. 1904-Rio de Janeiro, 1983). Crítico e ensaísta, integrante do movimento modernista de Belo Horizonte, autor de *Brasil errado* (1932) e *O avesso dos maridos enganados* ou *A sociedade dos cornos livres* (1976). Codiretor de *A Revista*, de Belo Horizonte, onde se revelou o melhor espírito crítico da nossa geração. Perderam-se as cartas que lhe escreveu MA, com exceção de uma, de que possuo cópia, fornecida pelo destinatário. Aqui a reproduzo parcialmente, esperando que o texto completo figure, devidamente anotado, na desejada publicação da correspondência de MA:

São Paulo, 19 de março de 1926

Ah! Martins de Almeida, tenho recebido tudo o que você mandou, cartas e a *Revista*... Mas você não pode imaginar que vida apertada ando vivendo. Só por isso não tenho respondido. Escrevo artigo sobre artigo. É *A Manhã* do Rio (quero que você leia o meu artigo de ontem “Contrabando de passadismo” que define minha posição social), é *Terra Roxa* aqui, é o *São Paulo Jornal* onde estou como crítico musical e tenho trabalho quase diário e inda por cima um curso de estética geral pra moças com conferências semanais. E como tenho péssima faculdade de falar de improviso, sou obrigado a escrever essas conferências! Imagine a trabalhadeira! Contando ainda com meus cursos no Conservatório e particulares. Não tenho vida mais. Estou reduzido a uma máquina pra sustentar os outros. Miséria miserável que me faz sofrer. Não leio nada. Não escrevo nada de aproveitável. Meus livros todos parados. Não escrevo pra

nenhum amigo quase. Até o Manu [Manuel Bandeira] que é o do coração nem sei dele. Hei de reagir mas não pode ser tão já. Estava carecido de ganhar um pouco mais pra me enroupar, comprar uns livros e umas músicas. Talvez pelo fim do ano readquirir minha vida se Deus quiser.

A *Revista* está excelente. Não tanto pela colaboração de fora como por você. Até por isso que acho o nº 2 melhor que o 3. Acabo de falar isso mesmo pra Nava. E você? Quando nos manda um artigo pra *Terra Roxa*? Me esqueci de insistir com o Nava também. Insista você por favor. E com o João Alphonsus. E com o Emílio Moura. Mas mandem prosa que é melhor. Prosa é mais legível e estamos vendo se conseguimos fazer o jornaleco se sustentar.

[...] Você está sem o Drummond aí e o meu primeiro movimento, o mais sincero, foi me felicitar por causa disso. Depois corriji pra maior nobreza e lamento sinceramente mas espiritualmente essa separação. Eu adoro o Carlos. Foi a inveja que me fez de primeiro ter um movimentinho de alegria de vê-lo sequestrado de Belo Horizonte. Tenho por ele uma afeição admirada muito quentinha que me faz quando penso nele me sentir bem. A impressão que tenho dele é dessas que grudam como cheiro de laranja azeda. Não sai mais. É de vocês todos o que me dá mais a sensação, a comoção igual à que tive com certas paisagens mineiras, sobretudo uma tarde maravilhosa em Carmo da Mata. Que gostosura! que boniteza pura! que silêncio caricoso e cheio de amor ardendo dentro! E uma força de terra virgem atrás, cheia de ouro, cheia de vegetal e de minério rico. Isso é o Carlos pra mim. A impressão que ele dá pros que o veem pouco é de segura... Eu amoleci essa segura... Pra mim ele é um amigo verdadeiro, nunca esqueço a inteligência extraordinária e o lirismo incansável que ele é. O adoro. Queria o Carlos juntinho de mim... Não pode ser! Lá está em Itabira do Mato Dentro, que é dos nomes mais maravilhosos que conheço... Carecemos agora de agasalhá-lo ainda mais nos nossos carinhos e esperanças, Martins de Almeida. A terra, assim meio virgem pra onde ele foi, é boa mas traiçoeira. Faz a gente se esquecer da cabeça. A terra ama por demais, chupa a gente...

Bom, até logo. Não se esqueça de continuar me escrevendo. Invente assunto pra discutirmos. Andamos tão concordes e cheios de notícias!...

Ciao. Mário

10. "Anatole France", artigo a propósito da morte desse escritor francês que exerceu grande influência na formação intelectual de muitos escritores brasileiros (*Diário de Minas*, Belo Horizonte, 26 out. 1924). Em *Estudos literários*, I, p. 31, Alceu Amoroso Lima alude à "dependência que a marca de Anatole France me deixara, ou antes nos deixara". Ver cartas 2 e 6.

11. A afirmação de que sacrificava o interesse estético de sua obra a valores de utilidade social mais forte foi uma constante na correspondência de MA. Ver carta 4. Poderiam citar-se muitas outras comprovações desta intenção constante. Basta lembrar este trecho da carta a Alceu Amoroso Lima: "Eu nasci pra fazer a obra temporária que age, força a vida e morre cumprida a ação" (MA/EC, pp. 40-1).

12. Oswald de Andrade.

13. Tarsila do Amaral (Capivari, SP, 1º set. 1896-São Paulo, 17 jan. 1973). Pintora representativa do movimento modernista, inicia em 1924 a série de telas a que se deu o nome de "pintura pau-brasil", em consonância com a corrente literária dessa mesma designação, liderada por seu marido Oswald de Andrade. Em 1928, pinta *Abaporu*, que igualmente se reflete no movimento da antropofagia, lançado por Oswald de Andrade e Raul Bopp. Ler, de Aracy A. Amaral, *Tarsila — Sua obra e seu tempo*.

14. José Pereira da Graça Aranha (São Luís, MA, 21 jun. 1868-Rio de Janeiro, 26 jan. 1931). Romancista e ensaísta, rompeu com a Academia Brasileira de Letras, a que pertencia, para empenhar-se na renovação literária do modernismo. Autor de *Canaã* (1902), *A estética da vida* (1921), *O espírito moderno* (1924), *A viagem maravilhosa* (1930). A pregação teórica da alegria, desenvolvida por ele, irritava MA, que numa de suas "Crônicas de Belasarte" (*América brasileira*, Rio de Janeiro, jan. 1924) escreveu: "Perpétua Alegria!... Que horror! Isso é a negação da alegria. Imaginem todos os homens da Terra imersos na Perpétua Alegria... Esta deixaria por isso mesmo de existir". E em carta a Manuel Bandeira, 18 abr. 1925:

Começo a achar que o Graça Aranha é o sujeito que mais mal me faz na minha vida porque trouxe o problema da alegria pro Brasil. A verdadeira alegria nem sabe que é alegre. Eu não sabia que era alegre. Agora é que sei. Felizmente que pude vencer o preconceito da alegria por causa da minha imensa vida. (MA/MB, p. 72)

Ao mesmo, em 7 de maio de 1925:

Graça querendo fazer do brasileiro um tipão alegre por... teoria filosófica e integração no Todo Infinito com uma incompreensão inteirinha do homem brasileiro que ele não observou, contrariando a psicologia natural desse homem, fazendo da alegria um preconceito a ponto de ver alegria nas minhas Danças tão tristes e doloridas, qual!... (MA/MB, p. 76)

15. Ronald de Carvalho (Rio de Janeiro, 16 maio 1893-15 fev. 1935). Poeta, ensaísta e diplomata, evoluiu da tendência simbolista (*Luz gloriosa*, 1913) para o modernismo, de que fez doutrinação em *O Jornal*, Rio de Janeiro. Autor de *Epigramas irônicos e sentimentais* (1922), *Jogos pueris* (1926), *Toda a América* (1926). Publicou ainda *Pequena história da literatura brasileira* (1919).

16. Pedro da Silva Nava (Juiz de Fora, MG, 5 jun. 1903-Rio de Janeiro, 13 maio 1985). Escritor e médico reumatologista, poeta e artista plástico bissexto, autor dos livros de memórias *Batú de ossos* (1972), *Balão cativo* (1973), *Chão de ferro* (1976), *Beira-mar* (1978), *Galo-das-trevas* (1981), *O lírio perfeito* (1983), e de mais de uma centena de trabalhos sobre medicina. Fez ilustrações para um exemplar de *Macunaíma*, reproduzidas na edição crítica desse livro de MA, preparada por Telê Porto Ancona Lopez (1978). Prestou assistência médica a MA quando este residiu no Rio de Janeiro.

17. "Noturno de Belo Horizonte", poema escrito após a excursão do grupo modernista de São Paulo a Minas Gerais (1924). Está em *Clã do jabuti* (oc, II, pp. 179-93).

18. *Estética*, revista dirigida por Prudente de Moraes Neto e Sérgio Buarque de Holanda (Rio de Janeiro, 1924-5). O poema foi publicado no primeiro número e está em *Remate de*

males (OC, II, pp. 222-36). A coleção de três números foi reproduzida em edição fac-similada, com apresentação de Pedro Dantas (pseudônimo de Prudente de Moraes Neto): "Vida da estética e não estética da vida", e "Glossário de homens e Coisas da *Estética*", de Mário Camarinha da Silva (1974).

2.

[Sem data]

Meu caro Drummond

antes de mais nada: você é muito inteligente, puxa! A sua carta é simplesmente linda. E tem uma coisa que não sei se você notou. A primeira vinha um pouco de fraque. A segunda era natural que viesse de paletó-saco. Mas fez mais. Veio fumando, de chapéu na cabeça, bateu-me familiarmente nas costas e disse: Te incomoda? Eu tenho uma vaidade: a deste dom de envelhecer depressa as camaradagens. Pois, camarada velho, sente-se aí e vamos conversar. Olhe, você não repare se vou escrever sintético. É que de verdade mesmo não posso me estender nas minhas cartas. Não tenho tempo pra nada, de tal forma estou ocupado. A minha correspondência é enorme. E não deixo nada sem resposta. Isso me obriga a uma síntese que feita rapidamente ao correr da pena nunca pode sair perfeita. Não esclareço bem o meu pensamento e o que é pior muitas vezes não digo tudo o que deveria dizer. Isso é mau ou seria mau se eu tivesse a pretensão de dar valor ao meu pensamento. Não sei se é bom, se é mau. Não tenho tempo pra ter pretensões. É bom por outro

lado, porque traz discussões, resposta e eu tenho um fraco pelas cartas. Gosto muito de receber cartas. Mas vamos à sua.

“Você não gostou do meu artigo.” Mentira. Eu não disse isso. Disse ou que gostei ou que o artigo era bom, não me lembro. Mas signifiquei que gostei. Isso de exprimir um anseio mais ou menos inconfessável de ver a mocidade dizer asneiras e praticar injustiças não diminui o valor do artigo mas considera a matéria de que é feita a mocidade. Ora, isso de você estudante, em exames, mocinho, envergar sereno fraque, pigarrear e ao som ainda da *Dalila* dizer três coisas justas e sérias sobre Anatole France, isso é que me aborreceu. Provou inteligência. Provou critério. Mas não provou peraltice, vida, vitalidade, fraqueza juvenil. Você diz que foi injusto. Uma injusticinha apenas. Eu queria injustiça grossa, até mentira. Não fazia mal. Aos quarenta anos você concertava isso e Deus havia de recolhê-lo no céu dos justos.

“Devo imenso a Anatole France que me ensinou a duvidar, a sorrir e a não ser exigente com a vida.” Mas meu caro Drummond, pois você não vê que é esse todo o mal que aquela peste amaldiçoada fez a você! Anatole ainda ensinou outra coisa de que você se esqueceu: ensinou a gente a ter vergonha das atitudes francas, práticas, vitais. Anatole é uma decadência, é o fim duma civilização que morreu por lei fatal e histórica. Não podia ir mais pra diante. Tem tudo que é decadência nele. Perfeição formal. Pessimismo diletante. Bondade fingida porque não é desprezo, desdém ou indiferença. Dúvida passiva, porque não é aquela dúvida que engendra a curiosidade e a pesquisa, mas a que pergunta: será? irônica e cruza os braços. E o que não é menos pior: é literato puro. Fez literatura e nada mais. E agiu dessa maneira com que você mesmo se confessa atingido: escangalhou os pobres moços fazendo deles uns gastos, uns frouxos, sem atitudes, sem coragem, duvidando se vale a pena qualquer coisa, duvidando da felicidade, duvidando do amor, duvidando da fé, duvidando da esperança, sem esperança nenhuma, amargos, inadaptados, horrorosos. Isso é que esse filho da puta fez. Foi grande? Foi. Foi talvez mesmo genial nalgumas páginas. Pouquinhos, graças a Deus. Foi elegante, fino, sutil? Foi, foi, foi. Mas também foi filho da puta, porque as grandezas que engendrou não bastam pra pagar um só dos males que fez. Você diz que ele ensinou você a não ser exigente com a vida... Como isso! se você se confessa um inadaptado e tem um errado desprezo pelo Brasil e os brasileiros. O mal que esse homem fez a você foi torná-lo cheio de literatices,

cheio de inteligentices, abstrações em letra de fôrma, sabedoria de papel, filosofia escrita: nada prático, nada relativo ao mundo, à vida, à natureza, ao homem. Representou a sua época. Não foi um passadista. Mas a nossa época, a sua época, Drummond, não é a época dele, e foi e é outros gatunos da laia dele que roubaram a você as riquezas da felicidade, que só pode existir nesta terra pela adaptação, pela correspondência, pelo equilíbrio. Ele não é um passadista, mas se você tiver as ideias dele, será um horroroso, ridículo passadista. Mas tudo passa, Drummond, você vai ver. Um pouco de paciência, um pouco de raciocínio, um pouco mais de farra vital, muito menos literatura, mudar um hábito antigo e então você me dirá se foi injusto ou se ficou muito aquém de toda a maldade e insulto que esse homem merecia de você.

“Pessoalmente acho lastimável essa história de nascer entre paisagens incultas e sob céus pouco civilizados. Acho o Brasil infecto. Perdoe o desabafo que a você, inteligência clara, não causará escândalo.” Não sou inteligência clara. mas não me escandalizei. Nada me escandaliza, porque verifico. Sou curioso e tudo pra mim é interessante e objeto de observação. Não me escandalizei, mas achei lastimável. Tudo isso ainda são caraminholas metidas na cabeça de você pelas leiras do sr. France *et caterva*. E estou me lembrando duma coisa. Talvez você veja contradição entre a minha filosofia das “Danças” e todo este ataque ao ceticismo. Não há contradição, Drummond. Aliás nem é bom ceticismo a filosofia que ressuma das “Danças”. É cinismo. Sou cínico, não há dúvida. Mas é um cinismo filosófico prático que se parece muito com a franqueza atual. As “Danças” se escreveram por si num momento de cansaço e de fraqueza. Estava exausto com a campanha de difamação que fizeram contra mim. Sofria muito. Minha inteligência começou a escrever e a dançar as “Danças”. Em meia hora verdadeiramente inconsciente, estavam escritas as “Danças”, que não sei quem escreveu. Depois o trabalho de poli-las que durou meses. Que tem ali muito de mim é certo. Revelam pra quem souber olhar um sofrimento muito doído. Não há alegria nenhuma nelas. Só o Graça¹ com a mania de pregar a alegria, vê alegria ali. Elas são dolorosas, perversas, um mau momento que passou, um tumor que esvaziei. Compare-as com o “Noturno” e verá se o esvaziei inteiramente ou não. Se você encontrar um laivo de amargura ou perversidade no “Noturno” me diga porque hei de apagá-lo imediatamente. Ironia, tem. Essa ironia brincalhona de amoroso, de camarada, mas perversidade não. O cinismo continua. Mas

cada vez se apura mais, é um que-bem-me importa! que me liberta de todas as covardias, que me deixa sem-vergonha, com essa heroica beleza de afirmar: Deus existe. A mulher existe. A esperança existe. A Patriamada existe. Suponhamos que não existam. Mas a felicidade não está na existência ou inexistência deles, está na afirmativa, na crença, em nós. Assim também as “paisagens incultas” de que falas. A paisagem não existe propriamente porque é um estado de alma. A mesma paisagem nos parece bela num passeio e indiferente num negócio. A paisagem é inculta dum modo geral, não há dúvida. Mas pra você ela é inculta em relação à Gare d’Orsay e aos *bouquins* que o sr. Anatole France escarafunchava nos cais horas a fio, pra depois arranjar-lhes a literatura. A mesma paisagem que a você desgosta deu-me horas de intensa felicidade.

“O que nós todos queremos (o que pelo menos imagino que todos queiram) é obrigar este velho e imoralíssimo Brasil dos nossos dias a incorporar-se ao movimento universal das ideias. Ou, como diz Manuel Bandeira, ‘enquadrar, situar a vida nacional no ambiente universal, procurando o equilíbrio entre os dois elementos’.” Vaidadinha. Se lembra da *Pauliceia*?²

Nós somos as Juvenilidades Auriverdes!
As franjadas flâmulas das bananeiras,
As esmeraldas das araras,
Os rubis dos colibris,
Os lirismos dos sabiás e das jandaias,
Os abacaxis, as mangas, os cajus
Almejam localizar-se triunfantemente,
Na fremente celebração do Universal!...

Mais adiante você fala em “apertado dilema: nacionalismo ou universalismo. O nacionalismo convém às massas, o universalismo convém às elites”. Tudo errado. Primeiro: não existe essa oposição entre nacionalismo e universalismo. O que há é mau nacionalismo: o Brasil pros brasileiros — ou regionalismo exótico. Nacionalismo quer simplesmente dizer: ser nacional. O que mais simplesmente ainda significa: Ser. Ninguém que *seja* verdadeiramente, isto é, viva, se relacione com o seu passado, com as suas necessidades imediatas práticas e espirituais, se relacione com o meio e com a terra, com a família

etc., ninguém que seja verdadeiramente, deixará de ser nacional. O despaiamento provocado pela educação em livros estrangeiros, contaminação de costumes estrangeiros por causa da ingênita macaqueação que existe sempre nos seres primitivos, ainda, por causa da leitura demasiadamente pormenorizada não das obras-primas universais dum outro povo, mas das suas obras menores, particulares, nacionais, esse despaiamento é mais ou menos fatal, não há dúvida, num país primitivo e de pequena tradição como o nosso. Pois é preciso desprimitivar o país, acentuar a tradição, prolongá-la, engrandecê-la. Você fala na “tragédia de Nabuco, que todos sofremos”. Engraçado! Eu há dias escrevia numa carta justamente isso, só que de maneira mais engraçada de quem não sofre com isso. Dizia mais ou menos: “o dr. Chagas descobriu que grassava no país uma doença que foi chamada moléstia de Chagas. Eu descobri outra doença mais grave, de que todos estamos infeccionados: a moléstia de Nabuco”. É preciso começar esse trabalho de abrasileiramento do Brasil, dizia eu noutra carta, a um rapaz de Pernambuco.³ E agora reflita bem no que eu cantei no final do “Noturno” e você compreenderá a grandeza desse nacionalismo universalista que eu prego. De que maneira nós podemos concorrer pra grandeza da humanidade? É sendo franceses ou alemães? Não, porque isso já está na civilização. O nosso contingente tem de ser brasileiro. O dia em que nós formos inteiramente brasileiros e só brasileiros a humanidade estará rica de mais uma raça, rica duma nova combinação de qualidades humanas. As raças são acordes musicais. Um é elegante, discreto, cético. Outro é lírico, sentimental, místico e desordenado. Outro é áspero, sensual, cheio de lambanças. Outro é tímido, humorista e hipócrita. Quando realizarmos o nosso acorde, então seremos usados na harmonia da civilização. Me compreende bem? Porque também esse universalismo que quer acabar com as pátrias, com as guerras, com as raças etc. é sentimentalismo de alemão. Não é pra já. Está longíssimo. Eu creio que nunca virá. A República Humana, redondinha e terrestre, é uma utopia de choramingas e nada mais. Avanço mesmo que enquanto o brasileiro não se abrasileirar, é um selvagem. Os tupis nas suas tabas eram mais civilizados que nós nas nossas casas de Belo Horizonte e São Paulo. Por uma simples razão: não há Civilização. Há civilizações. Cada uma se orienta conforme as necessidades e ideais duma raça, dum meio e dum tempo. Dizer por exemplo que os egípcios da 18ª dinastia representam um degrau da civilização antiga que atingiria o esplendor com

o séc. v a.C. dos gregos é uma besteira que dá apoplexia na gente. São ambos apogeus de civilizações divertidíssimas. Nós, imitando ou repetindo a civilização francesa, ou a alemã, somos uns primitivos, porque estamos ainda na fase do mimetismo. Nossos ideais não podem ser os da França porque as nossas necessidades são inteiramente outras, nosso povo outro, nossa terra outra etc. Nós só seremos civilizados em relação às civilizações o dia em que criarmos o ideal, a orientação brasileira. Então passaremos da fase do mimetismo pra fase da criação. E então seremos universais, porque nacionais. Como os egípcios, como os gregos, como os italianos da Renascença, como os alemães de 1750-1880, como os franceses do séc. XVII, como os norte-americanos do séc. XX etc. Me diga se depois deste raciocínio ainda você repete que não encontra no seu “cérebro nenhum raciocínio em apoio à minha [sua] atitude [nacionalismo]. Só o coração me absolve”. Não é o coração que absolverá você. É a sua própria inteligência. E um pequeno esforço fará depois o resto. Eu também já sofri da moléstia de Nabuco. Não importa que a gente seja um pouco falso consigo mesmo no princípio. Nada de esperar a graça divina de braços cruzados. Nada de dizer: se um dia eu for nacional, serei nacional. A graça divina depende da nossa cooperação, dizem os tratadistas católicos. Você faça um esforcinho pra abraçar-se. Depois se acostuma, não repara mais nisso e é brasileiro sem querer. Ou ao menos se não formos nós já completamente brasileiros, as outras gerações que virão, paulatinamente desenvolvendo o nosso trabalho, hão de levar enfim esta terra à sua civilização. Como você vê eu formulo votos, tenho esperanças sem vergonha nenhuma. Tenho um grande orgulho disso. Rio de todas as civilizações, porque já tenho a minha pessoal.

Estou exausto e ainda não falei nos seus versos... Gostei. Gostei francamente, embora a sua prosa por enquanto seja mais segura que os seus versos. No entanto a prosa é mais difícil que a poesia. É muito simples: a sua prosa vem da civilização que morreu com a guerra. Você ainda é muito civilizado antes-da-guerra, pra cair de chofre no primitivismo deste séc. XX, que provocou o lirismo de certos alemães, russos e franceses atuais. Isso é natural. Estou me lembrando daquela frase que escrevi no prefácio da *Pauliceia*. “Ninguém se liberta duma vez das teorias avós que bebeu.” Comigo se deu a mesma coisa. *Pauliceia* é uma mistura de simbolismo até parnasianismo, e modernismo que ninguém aqui percebeu porque, Deus dos justos! os críticos de poesia

no Brasil... No *Minha terra tem palmeiras*,⁴ nome admirabilíssimo que eu invejo, há poemas excelentes e muita coisa boa. Mas como você ainda está muito inteligente de cabeça pra cair no lirismo, repare que há muita coisa que é contada com memória em vez de vivida com sensação evocada. Disso um tal ou qual elemento prosaico que diminui a variedade do verso livre porque o confunde com a prosa. Todos nós temos isso. Eu tomei o partido de escrever em prosa simplesmente, no meio dos versos, como aquele comentário *inteligente* (= da inteligência) que vem nas “Danças”, ou o caso do coronel Leitão do “Noturno”. Ou então metrifico (“Rola-moça”) pra não cair no verso prosaico. Metrificação ingênua, balbuciente primitiva, lírica. “Política”, “Construção”, “Religião”, “Nota social”, “Sentimental” são muito, muito bons. O “Orozimbo” é simplesmente admirável, “Construção” como forma é perfeito. No “Orozimbo” a piada do fim, não sei, não gosto muito disso. Tenho a impressão de que você escreveu aquilo só pra acabar. Pode ser que me engane. O “No meio do caminho” é formidável. É o mais forte exemplo que conheço, mais bem frisado, mais psicológico de cansaço intelectual.⁵ Como pratico com o Manuel Bandeira e o Luís Aranha, e eles comigo, mando-te os teus versos com algumas sugestões. Mas quero que eles voltem pra mim. Preciso deles em minha casa enquanto não se publicam.

E até logo. Lembranças aos amigos.

Um abraço do coração

Mário de Andrade

Política

Ele vivia isolado na sua casa;
seus amigos abandonaram-no
quando rompeu com o chefe político.
O jornal governista ridicularizava os seus versos,
os versos que ele sabia bons.
Sentia-se diminuído na sua glória,
enquanto crescia a dos seus rivais,
que apoiavam a Câmara em exercício.

Entrou a beber licores fortes,
e desleixou os seus versos.
Já não tinha discípulos.
Só os outros poetas eram imitados.

Uma ocasião em que não tinha dinheiro
para tomar o seu conhaque,
saiu a esmo pelas ruas mal frequentadas.
Parou na ponte sobre o rio moroso,
o rio que lá embaixo pouco se importava com ele,
e que no entanto o chamava
para misteriosas bodas.

E teve vontade de se atirar.
Não se atirou,
mas foi como se houvesse atirado o seu abandono.

E depois voltou para casa,
livre, sem correntes,
muito livre, infinitamente
livre, livre, livre.

[1924]

(Observações de MA:)
isolado em casa
amigos abandonaram-no
a dos rivais

Que abundância francesa de possessivos!

Construção

Um grito pula no ar como um foguete,

vindo da paisagem de barro úmido, caliça e andaimes hirtos.
O sol cai sobre as coisas como uma placa fervendo.
Um sorveteiro corta a rua.

E o vento brinca nos bigodes do construtor.

[1924]

O grito
como foguete
vem da

como placa
O sorveteiro

Que abundância francesa de *uns*!

Nota social

O poeta chega na estação
do caminho de ferro.
O poeta desembarca.
O poeta toma um auto.
O poeta vai para o hotel.
E enquanto ele realiza
esses cometimentos de todo dia,
uma ovação o persegue
como uma vaia.
Bandas de música, foguetes,
discursos, o povo de chapéu de palha,
máquinas fotográficas assestadas,
ruído de gente, fom-fom dos automóveis,
os bravos...
O poeta está melancólico.

Numa árvore do passeio público

(melhoramento da última administração).

uma árvore verde, prisioneira
de grades,

canta uma cigarra.

Canta uma cigarra que ninguém ouve
um hino que ninguém aplaude.

Canta, numa glória silenciosa.

O poeta entra no elevador,

o poeta sobe,

o poeta fecha-se no quarto,

o poeta está melancólico.

[1923]

na estação gostei da regência. Bravo!

cometimentos não gosto

Passa uma aleijadinha

Passa uma aleijadinha,

toda curvada no seu vestido de chita

(uma coisa nas mãos do destino).

Vai apoiada às muletas, que batem na calçada,

vai apoiada... vai coxeando.

E ninguém a vê na sua tortura muito real,

ninguém a vê fugindo dos autos,

recuando, tropeçando,

insistindo.

Todo mundo tem pressa,

todo mundo tem negócios, amores, aperitivos a tomar.

A aleijadinha vai coxeando.

Súbito, um bonde dispara.

A aleijadinha corre... as muletas caem...

Ela torce o corpo, desamparada,

e rola nos paralelepípedos.

Mas logo se levanta (foi apenas um susto!)

acha uma muleta aqui, outra acolá,

e lá vai toda curvada, coxeando.

[1924]

acolá Que palavra horrível! Só se emprega em livros didáticos. Deixemos isso
pra Portugal.

Notas

1. Graça Aranha.

2. *Pauliceia desvairada*.

3. Joaquim Inojosa. Carta de 28 de novembro de 1924, publicada pelo destinatário em *O movimento modernista em Pernambuco*, II, pp. 339-41.

4. Acabei abandonando este título do livro.

5. Na *Revista do Brasil*, junho de 1924, MA publica o ensaio "Da fadiga intelectual", que assim começa: "A fadiga intelectual é sem dúvida um dos fatores que provocaram certas maneiras de se manifestar o lirismo contemporâneo". Em *A escrava que não é Isaura* (1925), inclui esta nota em apêndice:

Por duas vezes já nesta escrita invoquei o cansaço intelectual. Certos modernistas, *bo-xeurs* e *blagueurs* de saúde perfeita, irritam-se porque reconheço em mim, em nós, a existência da fadiga intelectual. Esclareço um tanto o caso. Levados pelo cansaço intelectual, certos poetas, precursores nossos, construíram uma poesia aparentemente louca (entre os loucos e os poetas há um vidro apenas, conta-se no *Potomak*) em que foram abandonadas no máximo possível duas das funções da inteligência: a razão e a consciência. Isso foi no tempo em que se exclamava ainda: "A gramática não existe!". E mesmo antes, com Rimbaud, Laforgue, Lautréamont... Hoje esse cansaço está diminuindo pela terapêutica esportiva e bélica. Pode não existir em alguns. Na maioria existe. Mas certos processos técnicos empregados por aqueles precursores — *processos derivados do cansa-*

Notas

1. Dedicatória em livro.
2. *A Escrava que não é Isaura*. Depositários em São Paulo, Livraria Lealdade, rua da Boa Vista, 62 (OC, 1). Como se vê, MA não tinha editor.
3. Oswald de Andrade.

Sumário

Correspondência

Mário de Andrade
&
Manuel Bandeira

Organização, introdução e notas:
Marcos Antonio de Moraes

edusp

IEB

[São Paulo, post. 25 de janeiro de] 1925.

Manuel.

Escrevo esta da cama onde me botei por causa duma ferida no joelho, que não sara mais. Estou doente. E doença que cansa a gente, deixa irritado, um horror. Mas agorinha mesmo recebi a sua carta com as tais observações dum indivíduo que você diz inteligente. Acredito porque você diz, mas as tais observações não provam muito isso, não. Você já me fez algumas na sua carta anterior que mereciam resposta longa. Estava deixando isso pra dias de mais prazer pessoal. Mas agora ajunto tudo e respondo já. Não se engane se o tom é meio fatigado e um pouco irritante. Bote isso na conta da doença porque estou doente de verdade. Me parece mesmo que além das doenças físicas estou de novo com um grande cansaço intelectual. Agora não posso mais esconder isso de mim. Por isso desculpe tudo o que não for do agrado de você e começo. Primeiro você.

Deixemos a "Reza" de lado. Concorde com você. Vamos logo pra questão do brasileiro. Tem uma observação geral que pra você serve e pros outros não, porque são gente que não sabe das condições em que vivo e escrevo. Vêem o fato e criticam o fato, está muito bem, nem posso querer que seja doutro jeito. Mas você tem várias injustiças que saliento já embora não queira com isso prescindir das suas críticas. Pelo contrário mesmo a injustiça é útil pra um sujeito como eu, aberto sempre, curioso, que quer aprender e melhorar. Você compreende, Manuel, a tentativa em que me lancei é uma coisa imensa, enorme, nunca foi pra um homem só. E você sabe muito bem que não sou indivíduo de gabinete. Não posso ir fazendo no silêncio e no trabalho oculto toda uma gramática brasileira pra depois de repente, pá, atirar com isso na cabeça do pessoal. Preciso que os outros me ajudem porque, confesso com toda a franqueza, embora não seja um ignorante em questões de língua e possa afirmar gritado que sei o português duma forma acima da comum, não sou forte no caso. Não sou. Careço que os outros me ajudem pra que eu realize a minha intenção: *ajudar* a formação literária, isto é, culta da língua brasileira. Não quero que você pense que estou imaginando criar uma língua nova, como se diz que fizeram Dante e Camões, principalmente o primeiro. Ora isso é idiota porque Dante seria incapaz de escrever no italiano da *Comédia* se antes dele não tivesse a escola siciliana e toda a porção de trovadores que já escreviam em língua vulgar. Eles é que permitiram a existência dum Dante pra língua italiana como os cronistas e cantadores portugueses permitiram o português de Camões. Naqueles tempos se fazia tudo intuitivamente, é natural. Mas hoje não se pode mais fazer porque existe a crítica, existe a questão filológica bem estudada e em uso, existe a época enfim. Por isso o que eles faziam intuitivamente eu hoje faço com crítica, sistematizações. Mas não toda a crítica e toda sistematização por causa das minhas condições de vida. Primeiro: sou um sujeito que vive na extensão gostosa da palavra. Nada de gabinete. Homem na rua. Puxa! como cansa escrever deitado! Tenho um poder de festas, de convites, amizades, passeios que satisfaço religiosamente. Não dou pra celebridade e eternização do meu nome a mínima importância. Não tenho nenhuma vaidade nesse sentido. Se escrevo é primeiro porque amo os homens. Tudo vem disso pra mim. Amo e por isso é que sinto esta vontade de escrever, me importo com os casos dos homens, me importo com

⁸ "Mas porém" não aparece na versão do poema oferecido a Anita. Na versão de MB encontramos: "Mas porém acredito que os meus pedidos estejam todos errados". (v. 80).

⁹ "Eu sou muito mais rico do que Tu/ Porque posso te dar minha alma unicamente pra Ti,/ Tu não podes dar a tua só pra mim!" (v. 84-6).

os problemas deles e necessidades. Depois escrevo por necessidade pessoal. Tenho vontade de escrever e escrevo. (Isto é pro caso dos versos). Mas mesmo isto psicologicamente ainda pode ser reduzido a um fenômeno de amor, porque ninguém escreve pra si mesmo a não ser um monstro de orgulho. A gente escreve pra ser amado, pra atrair, encantar, etc. Além disso tenho as minhas ocupações que são em número formidável, você sabe. Não tem arte que eu não ame e não me preocupe com os problemas estéticos dela. Estudo muito psicologia. Estética. Filosofia. Línguas. Filologia. Sociologia, etc. etc. É demais. É dispersivo. Mas eu já disse pra você que *vivo* gostando, não vivo pra ser célebre. A parte messiânica do meu esforço, o sacrificar minhas obras, escrevendo-as em língua que ainda não é língua, não é sacrifício de Jesus, é uma necessidade fatal do meu espírito e da minha maneira de amar, só isso. E ainda tenho eu minhas lições! Mas daí se pensar, ou você, como parece pela sua carta, que estou agindo com leviandade nesta questão de escrever brasileiro, vai um estirão largo, meu Manuel. Não senhor. Não sou leviano, não. Tenho pensado muito no que estou fazendo e creio que já não tem caso a esse respeito que eu não tenha observado e pensado comigo. Você diz por exemplo que eu em vez de escrever brasileiro estou escrevendo paulista. Injustiça grave. Me tenho preocupado muito com não escrever paulista e é por isso que certos italianismos pitorescos que eu empregava dantes por pândega, eu comecei por retirar eles todos da minha escrita de agora. Mais tarde vamos a ver o que a gente pode aproveitar deles. Por enquanto o problema é brasileiro e nacional. Agora você deve ver que pequenas diferenças entre falar duma pra outra região brasileira são fatais não só de pronúncia como de sintaxe. Em todos os países grandes se dá e até nos pequenos. Diferenças léxicas e sintáticas. Não estou escrevendo paulista, não. Ao contrário. Tanto que fundo na minha linguagem brasileira de agora termos do Norte e do Sul. Mas, e vem outra injustiça, vocês não viram senão a parte mínima do que eu já fiz nesse sentido. Viram um artigo ou dois e já fazem crítica como se fosse uma obra inteira. Mais calma, esperem por um livro ao menos. O artigo sobre você foi e é nesse sentido uma tentativa inicial. Tem por exemplo o verbo haver em penca. Agora emprego sistematicamente o verbo ter, salvo em casos especialíssimos, como "não há meio de", "há que tempo!" etc. E mesmo nestes, em vez de "Há que tempo" prefiro o verbo "fazer". "Faz quanto tempo", conforme o sentido da frase.

Porquê? Porque se trata de sistematização culta e não fotografia do popular, meu caro. Agora: essa sistematização tem de ser fatalmente pessoal. Não pode ser doutra forma pois estou começando uma coisa e não tirando uma gramática inteirinha de fatos documentados pela escrita culta e literária. Não quero imaginar que o meu brasileiro – o *estilo que adotei* – venha a ser o brasileiro de amanhã. Não tenho essa pretensão, juro. Por outro lado se eu não fizesse essa sistematização eu seria um escritor sentimentalmente popular e quero ser um escritor culto e literário. Não tenho medo destas palavras nem caí na admiração incondicional e sentimental do Osvaldo. O caso é outro. Sou um fenômeno culto, sei disso e não me afasto disso. Agora: numa carta escritas alegremente pra amigos, por brincadeira, com intenção evidentemente pitoresca uso exageros de pândega, pra rir. Isso não quer dizer que vá escrever sempre assim nos meus artigos. Não. Por mais que eu escreva agora direto e simples, ainda faço distinção entre escrever pra público e pra amigos. As cartas que mando pra você são suas. Se eu morrer amanhã não quero que você as publique. Nem depois da morte de nós dois, quero um volume como o epistolário Wagner-Liszt¹⁰. Essas coisas podem ser importantes, não duvido, quando se trata dum Wagner ou dum Liszt que fizeram arte também pra se eternizarem. Eu amo a morte que acaba tudo. O que não acaba é a alma e essa que vá viver contemplando Deus. Agora vou pros casos particulares. Você tem razão: 2ª pessoa do imperativo de fazer em brasileiro é "faz" e não "faze". "Mas porém" – Não é intolerável. Existe em italiano. É redundância. Sua observação é razoável no caso da "Reza". Ali não presta e foi afetação. Vai sair numa conferência, na *Revista do Brasil*¹¹. Aí não é afetação, é pândega pra divertir. Usado por pitoresco e só por isso. No *Losango cáqui* que traduzi inteirinho pro brasileiro vem uma vez. Admiravelmente empregado. É o caso duma afirmativa enérgica e veio deslumbradoramente fazer com que o ritmo do verso desembestasse galopando com

fartura. É um poema em que eu digo pro tenente que dá ordens de exercícios e que está me irritando na minha liberdade que ele pode mandar quanto quiser que os meus braços, minhas pernas, olhos obedecerão...

"Mas porém da caserna dum corpo que eu sei
Sai o exército desordenado meu sublime" etc.¹²

Veja que eficácia rítmica e psicológica. Eu afirmo com energia individualista que nisso o tenente não manda. Isso é meu e só meu, os sarcasmos, os sentimentos, as paixões. A adversativa duplicada vale ouro aí. E depois o ritmo. O primeiro verso galopa certo "pacapam, pacapam, pacapam, pacapam" e depois tudo se espalha, cada potro vai pra seu lado em desordem apaixonada. Tem casos assim. Botei esse "tem casos" aqui pra torcer a esquina e entrar no que você chama de minha afetação. Você tem razão. Mas não posso escapar dela por enquanto porque essa afetação é psicológica. A minha naturalidade agora é a afetação porque o problema está me preocupando a todo instante e por isso me desvirtua o modo natural. Estou em época de transição. Estou criando um novo modo natural. Por enquanto se vê nisso muita afetação. Mas também não foi afetação que fez a gente policiar a sua escrita e pôr o pronome aqui porque Camões o botara aqui? Foi. Foi a afetação que fez você escrever policiadamente com o jeito de Portugal uma infinidade de escrituras suas. E eu também. E toda a gente. Depois e por isso a afetação ficou geral e mudou de nome. Mais uma razão pra você: é que eu por enquanto tenho os exageros e os defeitos naturais nas revoluções e começos. Acredito que isso é minha sina... Paciência! Nunca hei de escrever obra definitiva pra mim. *Paulicéia* foi um começo. Agora estou noutra começo... Paciência! Mas também por outro lado, Manuel, muita coisa que parece afetação pra você em que a influência e formação lusa são muito fortes, pra mim não são afetações que sempre vivi muito no Brasil. Dos versos metrificados que inda guardo inéditos, muita coisa é nacionalista e até regionalista. Alguns desses mesmo quando os releio lamento não terem sido publicados no tempo.

Pra ajuntar ao caso do "mas porém". O mais importante que tirei da observação desse caso é a tendência que temos os brasileiros em substituir o mas pelo porém, que pra nós parece mais forte. O português rarissimamente inicia a frase pelo porém, só usado no meio do período. Pra começar o português usa geralmente o mas. Nós usamos constantemente o porém. Falo na língua de conversa, principalmente popular. Fenômeno geral de Norte a Sul do país. Nisso não fiz sistematização porque também o mas é muito empregado. Só que comecei a usar o porém pra princípio de frases.

Outra observação geral: A toda hora me escapam ainda lusitanismos substituíveis. É natural. Se lembre que faz 32 anos que escrevo português. No artigo sobre você vem um poder deles. Roma não se fez num dia. São os meus novos vícios-de-linguagem.

¹⁰ MA leu o *Epistolário* Wagner-Liszt na tradução italiana de 1896, realizada por Allegrina Cavalieri Sanguinetti, com prefácio de Enrico Panzacchi, em 2 volumes (Torino, Frattelli Boca, Milano/Roma/Firenze).

¹¹ "Uma conferência", ou como elucida o subtítulo, "Condescendência pra divertir os sócios do Automóvel Clube", serviu de palestra ilustrativa da apresentação pianística de Souza Lima. Exposição estratégica, ligeira e risível, comporta uma sedutora didática para explicar a estética modernista. O texto em sua ambivalência, além de ensinar o público endinheirado a valorizar a "sensação", vai acostumando os ouvidos burgueses à fala brasileira (ou às idiosincrasias "intoleráveis" de MA, diria Bandeira). MA vai empregar duas vezes o "mas porém": "[...] o autor pretendeu se aproveitar de ritmos e sonoridade orais mais ou menos assimiláveis aos musicais do fox-época. Mas porém não servem para dançar."; "Quando se contempla a Gioconda é a sensação, a sensibilidade que age. Mas a inteligência logo se intromete e a gente começa a interpretar o tal sorriso que não tem nada de enigmático e era mania do pintor. Mas porém quando ouvimos música a inteligência se fecha." A conferência foi publicada na *Revista do Brasil*, a. 10, nº 109.

¹² Versos do poema XVI, de *Losango cáqui*.

A respeito das minhas sistematizações você está pensando que elas são muito apressadas. Não são não. E você está generalizando regras que eu me dei, mais do que eu. Assim o caso do pronome oblíquo que é dos mais importantes. Você diz que o que caracteriza o falar brasileiro nesse sentido é a variabilidade da colocação do pronome, ora antes ora depois do verbo. Não é não¹³. A variabilidade é muito mais maior no português literário. Questão de eufonia nascida da *maneira lusa de dicção*. Nós brasileiros, geralmente antepomos o pronome ao verbo. Geralmente. Tem porém alguns verbos em que se formou como uma locução de pronome e verbo com este antes. Assim com o verbo sentar. E tem os casos de frases intimativas, imperativas em que o verbo vem sempre ou quase sempre antes do pronome. Você cita alguns exemplos que eu já conheço e em que muito tenho pensado. É questão que ainda não resolvei bem e se você conhecesse a minha *Fraülein* veria que emprego várias vezes o erro "que matou-se" e casos análogos. O pronome anteposto ao verbo não é invariável na minha sistematização, é apenas geral, nas intimações posponho o pronome. Com o verbo sentar também quase sempre. Não esqueça duma coisa: sistematização não quer dizer generalização. E tem outras que venho fazendo interessantes. Assim o qualificativo que nós geralmente pospomos ao substantivo. A substituição da preposição "a" por outras. No brasileiro a preposição "a" quase não existe. Estará destinada a desaparecer? Não sei. Em todo o caso ficará limitada a muito poucas regências. O diminutivo, o aumentativo, o superlativo substituído por "muito", por "por demais" conforme o caso. Você compreende, Manuel, eu empobreci os meus meios de expressão. Não faço dúvida nisso. Empobreci-os conscientemente. Tem uma frase do Machado que me bate sempre na memória. "Alguma coisa é preciso sacrificar". Eu me sacrifico mas é possível que se ganhe com isso. Agora fazer como você quer, tudo com restrições, tudo apalpando, usar pra mas também para, usar uma coisa mas tem casos em que não usar, não sou desse gênio. Vou até o fim. Sou homem dum Deus só. Não compreendo revoluções com luvas de pelica. O próprio Procurador da República falou que foi por causa disso que o Isidoro levou na cabeça. É o caso dos que quiseram ser modernistas e passadistas ao mesmo tempo. Não sei ser assim. A culpa pode ser minha. Paciência.

Comecei também a usar lugares-comuns brasileiros. É um meio de generalizar, de humanizar a minha escrita. Está visto que não escrevo "calor senegalesco" mas emprego "um sol de matar passarinho". Se você souber de alguns desses, do Norte ou do Sul, me mande.

E com você acabei. Agora vamos pro anônimo que depois de muito imaginar eu resolvi que não sei quem é.

O título do artigo "Me parece que pra M. de A." é uma das ironias mais admiráveis que conheço. Também parou nisso o espírito do cujo. O resto das ironias ou não vale nada ou é malvadez sem justiça. Ele começa por dizer que eu não sei escrever o português. É uma injustiça. Sei mais que a maioria dos que escrevem. Estudei o português e estou consciente dos meus erros em português. Ao menos da grande maioria deles. Do homem que tem publicado os artigos que publicou na *Revista do Brasil*, antes do "Manuel Bandeira" não se pode dizer que não sabe o português sem injustiça grave. Portanto o sujeito ou me ignora e então foi leviano, ou foi injusto e portanto tem má vontade que procura fingir não ter. É falso que os brasileiros digam geralmente "Eu *lhe* vi ontem". Essa prática existe mas muito mais usual é a gente dizer: "Eu vi você", "eu vi a senhora ontem na cidade". E como não se pode intransitivar verbos como ver e outros, porque o próprio povo se utiliza deles como transitivos em casos em que o pronome não entra numa sistematização, em linguagem literária, tais casos continuam modismos, vícios que só podem ser usados pra evidenciar o pitoresco da fala dum personagem. O mesmo se dá com o "Encontrei ele doente". Não tem língua nenhuma em que o pronome sujeito se use assim como complemento. O escritor brasileiro pode no entanto escrever: "Deixe ele ficar aí" porque aí o ele é sujeito, ou pode ser considerado sujeito de ficar.

O homem ataca o meu "Se contaria e explicaria..." Diz que isso o povo não usa. É verdade. Se trata duma sistematização por analogia. Se você chegar numa roda bem *nativa* e perguntar: "De que se trata?" Um responde: "Se trata de". Isso juro. O homem diz ainda que a frase ficou confusa. Ficaria se eu grafasse se e não si. Demais isso mostra que o homem

pouco sabe de português porque o verbo estando já no condicional eu não poderia empregar o condicionalíssimo “si” que pede o verbo no imperfeito do indicativo ou do subjuntivo: “Si contasse...” ou “Si contava ou não, é coisa que não sei etc...” De fato tem uma confusão ali, mas porém é muito outra. Confusão entre o “se” pronome pessoal, determinado, que ali se refere a Manuel Bandeira, e o “se” pronome impessoal, equivalente ao *on* francês e que eu agora só uso no “a gente”. Não tem dúvida que me contradisse empregando mais pra diante o “chamar-lhe-iam”. Foi um lusitanismo que me escapou pela razão que eu já disse atrás: vou pro fim, pra depois voltar na questão dos pronomes. O homem acha que devo dizer rijeza por rigidez. Tem razão. Se me lembrasse teria escrito rijeza: ainda o uso de cachimbo...

No caso do *pra* eis vocês dois em contradição. Você acha que estou falando paulista. Ele acha que isso é nortista e que nós “sulistas” (aliás não sei de que Sul é o cujo) dizemos par’alguns. Aqui em São Paulo como em Minas e Rio a gente só diz pra alguns e duvido que no Rio Grande do Sul se diga par’alguns como o homem quer. Aliás o “pra” é empregado até pelos portugueses que jamais falaram para.

No “prá festa” está bem acentuado. Tem contração. É para a festa que você foi se pintar. Basta substituir festa por baile, forrobodó e se vê bem que tem artigo aí. Foi se pintar pro baile e não pra baile.

Desculpe esta carta compridona, Manuel. Se você imaginar quanto ela está me caceteando de escrever assim deitado, já jantei no meio dela até! Você vê quanto eu quero bem você. Porque, franqueza, o tal sujeito me está saindo muito fraquinho. Não quero que você mande esta carta pra ele ou lhe dê as minhas razões não paga a pena. Se me amolo com ele é só pra mostrar pra você que o mais leviano não sou eu e que estou mais forte do que você pensa nas minhas razões.

Fora o título do artigo o homem só tem observações inteligentes a respeito de pronomes. Porém são de ordem sentimental e não propriamente crítica. Isso prova sensibilidade no tal. Será poeta? Creio que sim. Mande-me dizer quem é. Ele fala que eu prejudiquei a virilidade enérgica de certas dicções com a anteposição de pronomes, está mais ou menos certo. Mas isso é observação de ordem psicológica. No dia em que a gente estiver acostumado a essa anteposição, será talvez a posposição do pronome que há-de fazer a falta de energia. Isto é, não é propriamente isso. Eu mesmo já verifiquei que o brasileiro nas frases intimativas usa o pronome posposto. Porém no dia em que vocês se acostumarem com o meu jeito, não farão mais reparo nessa falta de virilidade (aliás desnecessária ali, uma frase de comentário, mansa). Em compensação adquiri uma sonoridade mais familiar, um ritmo mais dengoso e balançado que é bem jeito brasileiro desta nossa raça misturada do índio deslizante e do negro dançador. Se o homem tem sensibilidade eu também tenho, graças-a-Deus, e vou hoje mandar pra você, embora ainda não esteja definitivo, o meu poema “O poeta come amendoim” pra que você veja que eu também já tinha reparado nisso. Assim que comecei a escrever brasileiro reparei que a minha fala ficou mais lenta. Paciência. Nem tudo se pode adquirir duma só vez. Com o *amerenglish* (língua dos americanos) se dá a mesma coisa em relação ao inglês, apesar de ser aquele o povo mais apressado que existe. O italiano de Dante é muito mais lento que o de Papini, o português de frei Luiz de Sousa muito mais lento que o de Latino. E além do mais nós somos um povo pachorrento. Mas no dia em que o brasileiro fizer uma língua, como é o português em relação ao espanhol, mais do que isso creio que não será, ele há-de adquirir as suas formas rápidas também. Eu não estou trabalhando pra mim porque sei que numa coisa destas a gente só trabalha com o tempo.

Depois o homem diz que eu resolvi “antepor *sempre* (o grifo é dele) os pronomes” e chama isso irônico de capricho. Não é capricho e não existe o *sempre*, mas um *geralmente*. Ele mesmo dá uma série de exemplos contrários com os “variou-o”, “multiplicou-o”, “chamar-

¹³ Nota MB: Mais tarde Mário acabou concordando comigo neste ponto.

lhe-iam". Este último, confesso que saiu porque me escapou. Mas os outros são bem meus. E depois, e isto é idiota, diz que eu me contradisse ralhando com você porque você escreveu "que te não via", também com o pronome na frente do verbo. Com efeito, porém o ruim está no pronome antes do não. Nunca nós falamos assim. Nem uma vez só. É "que não te via" que dizemos, não é?

De maneira que o homem, além de má vontade e injustiças, também chicaneia com a gente... Pois fique com as suas chicanas e vá lamber sabão. Isso porém não impede, Manuel, que eu agradeça de mãos postas as suas observações e as alheias que você me transmite. Injustas ou justas elas me fazem um bem grande porque só servem pra me iluminar, esclarecer, firmar pontos duvidosos, lembrar outros. Continue nessa boa ação de amigo e Deus lhe pague.

Você podia me fazer um favor? Mande uma carta pro Prudente pedindo que me arranjassem um distribuidor pra *Escrava*, já impressa, aí no Rio. Soube hoje que ele está doente. Você não podia arranjar um jeito de telefonar pra ele que transmita o pedido pro Sérgio? Ele me arranjará isso, mas que seja logo que aqui o livro está sendo vendido¹⁴.

Mário.

Pensando melhor no caso do "Se contaria" reparo que o indivíduo tem mais razão do que me pareceu no princípio. O "si" pode ser empregado naquele caso, como ele diz. Mas isso é muito raro e as formas verbais condicionais bastam hoje por si mesmas e não carecem mais do "si". E quando este vem é da prática se por também o pronome: "Si ele contaria..." "Si contaria ele o caso..." Por isso, apesar disso, a minha expressão não se presta pra confusão que ele diz.

E não posso mais. Amanhã copio o poema.

Se mando outra vez a carta do homem é pra você confrontar melhor as razões.

Não tive tempo de reler. Se tiver erros desculpe.

Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira, p. 84-94.

70 (MB)

Rio de Janeiro, 31 [de janeiro de 1925].

Mário.

Recebi *Escrava*, carta e poemas. Obrigado.

Está fazendo um calor safado. "Et Je suis dans ma chambre enfermé comme dans du beurre fondu"¹⁵ como diz Cendrars na deliciosa primeira plaquete das *Feuilles de route*, cujos primeiros exemplares apareceram ontem nas livrarias daqui.

Já devorei a *Escrava*, lendo quase em diagonal. Preciso reler devagar.

Os poemas estão deliciosos, inteiriços. Nada tenho a opor, como se diz em estilo de informação nas repartições públicas dos nossos gostosos e avacalhados Brasis.

Gosto de coisas assim, em que a composição alcança a unidade do fato. A "Reza" não está assim.

A carta. Diante do mundão de mal-entendidos que surgiu como tiririca da minha carta anterior, da crítica de meu amigo, perco a coragem de conversar em carta sobre a questão da língua. Eu só poderia comentar a sua baita carta com outra bis baita. Ora, eu ando desenhado de escrever traduções para uma revistinha.

MÁRIO DE ANDRADE

MÁRIO DE ANDRADE
Cartas a Anita Malfatti

(1921-1939)

Edição organizada por
MARTA ROSSETTI BATISTA

Edição organizada por
MARTA ROSSETTI BATISTA

7-1-925^{1 1 6}

Aqui vai o seu dinheiro.¹¹⁷ Muito obrigado por esperar tanto. Desejo de coração que ele ajude bem você aí. Me responda dizendo que recebeu este cheque, porque com essa história de você mudar de casa¹¹⁸ é bem possível de se perder esta carta. Então mandarei a duplicata do cheque. Si esta carta se perder, entende-se. Que você se arranje bem aí, num atelier bem bonitinho pra me receber... nunca mais. Estou perdendo a esperança de ir na Europa. Aliás isso não me entristece muito, não, porque franqueza: a não ser ver os amigos não tenho nada que fazer aí. A Europa com toda a arte dela antiga e moderna me desinteressa agora.¹¹⁹ Minha vida e minha ação têm de ser desta banda do mar, estou convencido disso. Já estou enfiado de Miguel Anjo como de Picasso. A Notre-Dame que exista aí sem mim, não faz mal nenhum nem pra mim nem pra ela. Agora: qualquer tapera da Baía ou de Mato-Grosso isso é diferente, me interessa e tenho desejo de ver. Si eu pudesse fazer uma viagem longa não iria pra Europa, não, iria no Amazonas ou na Baía. Mas nem isso Nosso Senhor quer! Então me consolo lendo nos livros as coisas e casos pansudos da minha terra. Não pense, Anita, que isto são fitas. Não são, não. É um sentimento verdadeiro, de bem de dentro do meu coração de agora. Também não digo que fique sempre assim. Bem possível que mude um dia. Será o que Nosso Senhor quiser. Mas nestes tempos de agora só me interessa a minha terra e pra ela estou trabalhando com desprendimento e sacrifício.¹²⁰ Tudo isto não é esnobismo, é fruto de muita

Desculpe estas preocupações que eu boto no seu colo amigo e me abrace.

Mário

Não se esqueça de me mandar a nova direção de você, quando mudar.

CÂMARA CASCUDO e MÁRIO DE ANDRADE

Cartas, 1924-1944

PESQUISA DOCUMENTAL/ICONOGRÁFICA, ESTABELECIMENTO DE TEXTO E
NOTAS MARCOS ANTONIO DE MORAES

ENSAIO DE ABERTURA ANNA MARIA CASCUDO BARRETO

PREFÁCIO DIÓGENES DA CUNHA LIMA

INTRODUÇÃO IVES GANDRA DA SILVA MARTINS



SÃO PAULO
2010

global
EDITORA



São Paulo, 6 de setembro de 1925.

Luís do coração,

como você é tão bom pra mim! Cada carta de você é um carinho descansante pra mim, fico feliz. Deus lhe pague. Hoje é aniversário da minha prima Zilda.⁴² Pois ela tem de me esperar se quiser que tome chá junto com os outros. Hei de responder primeiro a tudo de você que tenho aqui. Vamos a ver: Primeiro me diga uma coisa, qual a sílaba tônica de requififi? Palavra aguda ou grave, requifife ou requififi? Outra coisa: é bem substantivo ou serve às vezes de adjetivo qualificativo também? Outra coisa do mesmo gênero: me diga se você já escutou por aí a palavra *pratita*, adjetivo qualificativo querendo significar pessoa cheia de enojamentos, de não-me-toques. "Fulana é muito pratita" se fala por aqui.

Quem é esse Jorge Fernandes, hein?⁴³ A apresentação de você está engraçadíssima. E o tal de Jorge Fernandes me deixou com água no bico. É bom mesmo. Sensibilidade e inteligência, me pareceu. "Contrição" um pouco mal realizado desde o "Andou feliz a *sentida alma*" (*sentida alma* é horrível. E só pra rimar com calma! Diga pra ele que mande à merda essa rima e escreva "*alma sentida*" que é muito bonito) até "Aos pés". Essa partinha é um pouco corriqueira por demais. Resto bom. "Remanescente" estupendo inteirinho e o último verso é colossal. "Talvez na guerra contra o Paraguai"... que mundo está nesse verso!⁴⁴ Que achado formidável. Dê um abraço no Jorge Fernandes. Puxa, que nome feio dele, não?

Recebi os índices.⁴⁵ Também me puseram água no bico. Confesso que o livro sobre *Lendas e tradições* me interessa mais porque me afeta nos meus assuntos e preocupações mais que os outros. Porém que venham estes e os devorarei. Não tenho nenhuma autoridade nem sabença em nenhum dos assuntos pra dar parecer. Digo só que são interessantíssimos. *Buda santo católico* me pa-

42 Zilda Rocha Mello (1896-?), prima em segundo grau de MA, do lado materno.

43 Em 14 de julho de 1926, MA escreveria a Jorge Fernandes (1887-1953): "Por intermédio desse queridíssimo Luís da Câmara Cascudo faz já um mundo de tempo que recebi uns poemas de você, entre os quais dois dedicados a mim. Só agora e como sempre de carreira venho lhe dizer o muito obrigado efusivo e a sinceridade enorme com que me agradam os seus versos. Tem neles um certo ar brusco meio selvagem, meio ríspido e no entanto coa de tudo uma doçura e um carinho gostoso. Tudo isso eu tenho apreciado e me tem dado vontade de ler mais coisas suas. Você é original, é incontestável e é duma originalidade natural nada procurada. Isso é dom preciosíssimo, meu amigo. Fique certo que ando guardando os poemas de você como dos mais interessantes de nosso Brasil de hoje. Veja se manda mais coisas". (V. "Introdução" de Veríssimo de Melo ao *Livro de poemas e outras poesias* de Jorge Fernandes. Natal: Fundação José Augusto, 1979, p. 12-13.) Em seu arquivo, MA conservou manuscritos de poemas do escritor potiguar, entre os quais textos inéditos em livro.

44 Verso da última estrofe de "Remanescente" ("Ah! Eu sou a remanescente dos poetas/ Que morreram cantando.../ Que morreram lutando.../ Talvez na guerra contra o Paraguai!"), poema que, em 1927, abrirá o livro de estreia de Jorge Fernandes (*Livro de poemas*).

45 Rasura: "prefácios".

rece francamente mais *boutade*⁴⁶ que outra coisa. O nome do livro é ativíssimo faz cócega na gente. Terá extração certa. O sobre López me ajudará na minha sabença de história pátria tão pouco aprofundada.

Tenho inda por responder uma carta açu (no sentido de beleza) que a gripe fez você escrever... Conte com minha colaboração pra sua revista e se quiser a de mais alguém escolha e diga. Tratarei de arranjar. Não sei como vai ser a revista e fiquei indeciso sobre o tamanho das coisas principalmente prosa a mandar. Por isso só mando versos agora. Se a revista for tamanho da *Revista do Brasil* podem sair todos num número só, se for menor escolha o que quiser. Mandarei a prosa depois que conhecer o tamanho da revista. E ainda se você quer prosa pro 1º número avise com tempo que mandarei. Estou você pra você, isto é, mande o que quiser. É como se fosse você mesmo fazendo.

Também fiquei entinado com a coimbrada romântica, puxa que gente espiritualmente tuberculosa! Não fui na cantoria deles (e parece que é o melhor que eles trazem) porém em tudo quanto era reunião a que ia, pronto: lá estavam os corvos. Que túmulos nesta vida tão cheia de vida do nosso Brasil! *Resquiescat in pace!*⁴⁷

O tal de Congresso Regionalista me deixou besta de entusiasmo.⁴⁸ Em tese sou contrário ao regionalismo. Acho desintegrante da ideia de nação e sobre este ponto muito prejudicial pro Brasil já tão separado. Além disso fatalmente o regionalismo insiste sobre as diferenciações e as curiosidades salientando não propriamente o caráter individual psicológico duma raça porém os seus lados exóticos. Pode-se dizer que exóticos até dentro do próprio país, não acha? É certo no entanto que regionalismo bem entendido traz benefício grande sobre o ponto-de-vista da própria discriminação dos caracteres gerais psicológicos e outros dum povo. Se a minha adesão vale de alguma coisa aí vai sincera com uma enorme sodade mandada pra esse Nordeste que amo como eu mesmo, que sou eu. Que pena eu não poder ir até aí! Se tivesse cobres e descobrisse tempo, ia de deveras. Como não vou mando estas rabugens pra você: Acho o programa um pouco acanhado e além de regionalista regionalizante o que é um perigo. Entre as teses dos "Problemas econômicos e sociais" vocês se esqueceram in-

46 "Frase espirituosa, cômica" (francês).

47 "Descanse em paz" (latim).

48 MA tem em mãos o "programa-convite" do 1º Congresso Regionalista do Nordeste, assinado por Odilon Nestor e Gilberto Freyre, documento que traz a súmula de assuntos previstos no evento: "I – Problemas econômicos e sociais / 1. Unificação econômica do Nordeste. Ação dos poderes públicos e dos particulares. / 2. Defesa da população rural. Habitação, instrução, economia doméstica. / 3. O problema rodoviário do Nordeste. Aspecto turístico, valorização das belezas naturais da região. / 4. O problema florestal. Legislação e meios educativos. / 5. Tradições da cozinha nordestina. Aspectos econômico, higiênico e estético. // II – Vida artística e intelectual / 1. Unificação da vida cultural nordestina. Organização universitária. Ensino artístico. Meios de colaboração intelectual e artística. Escola primária e secundária. / 2. Defesa da fisionomia arquitetônica do Nordeste. Urbanização das capitais. Plano para as pequenas cidades do interior. Vilas proletárias. Parques e jardins nordestinos. / 3. Defesa do patrimônio artístico e dos monumentos históricos. / 4. Reconstituição de festas e jogos tradicionais". (Neroaldo Pontes de Azevedo, *Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. 2. ed. João Pessoa/Recife: Editora Universitária UFPB/ Editora Universitária UFPE, p. 155.) O Congresso foi levado a termo em Recife entre 7 e 11 de fevereiro de 1926. A pesquisa não localizou o "programa-convite" do evento no Arquivo MA.

teiramente do Brasil o que acho positivamente um erro. A primeira de todas as teses devia de ser: Contribuição do Nordeste para a constituição da Brasilidade psicológica, econômico-social, linguística e artística. Pras pessoas que veem muito largo ou veem amorosamente como é o meu caso, isso está implícito no programa geral. O malentendido nasceu de haverem mais noventa-e-nove pessoas que se ajuntaram à primeira. Noventa-e-nove malentendidos quase sempre é a porcentagem. Veja se corrige isso com tempo. Se eu pudesse estudar mais seria essa a tese que escolheria ou então furava o programa falando sobre o "Conceito de regionalismo". Na "Vida artística e intelectual" quase com a mesma intenção nacionalizante em oposição à regionalizante das teses teria incluído: Caracteres gerais psicológicos do Brasileiro refletidos ou organizados tradicionalmente nas artes nordestinas. II: Contribuições linguísticas do Nordeste para a língua geral do Brasil (lexiologia, fraseologia sintática, modismos expressivos). III: Folclore nordestino. Não vejo bem aonde a gente poderia tratar disso nas teses do Congresso a não ser de folclore no tratar de festas e jogos tradicionais. E assim mesmo... Aliás reconheço que nessa parte de vida artística e intelectual vocês se preocuparam mais com lados práticos que propriamente⁴⁹ ideológicos. Em todo caso tudo é prático em última análise entre os temas que aponte. Porém de qualquer maneira que seja o Congresso é interessantíssimo e desejaria estar aí. E a sua casa que você não se cansa de me oferecer em Natal... Como você é bom pra mim! Se fosse possível não imagine que eu esperaria repetição de⁵⁰ convite não. Iria mesmo. Aliás o convite está aceito. Quem sabe o que virá um dia! Se arranjar jeito irei na certa passar uns dias com você. Seria só engrandecer esta felicidade de quem como eu já é monstruosamente feliz. E você faz parte da minha felicidade, Luís.

Te abraço.

Mário.

Mandarei *Pauliceia*.⁵¹ Briguei definitivamente com *Ariel*. Vou ver se dou um jeito de arranjar os números dela. Vou ver se arranjo também um exemplar do *Pau Brasil*, um delicioso livro de poesia do Osvaldo que não é meu parente.⁵² "Se arranjo", porque quero com dedicatória dele e é o sujeito mais atabalhado do mundo. Promete tudo de coração, se esquece tem dez milhões de negócios

49 No datiloscrito: "propriamente".

50 No datiloscrito: "e".

51 *Pauliceia desvairada* (São Paulo: Casa Mayença, 1922) chegou a Natal com dedicatória: "Pra/ Luís da Câmara Cascudo/ inteirinho/ da cabeça aos pés/ corpo e alma/ Natal/ Rio Grande do Norte/ Eu/ Brasil/ Nós/ Brasil/ **Brasil**/ Brasil/ of./ o/ Mário de Andrade/ S. Paulo/ 7/ IX/ 925".

52 Oswald de Andrade (1890-1954), poeta, romancista, autor de peças teatrais, homem de imprensa, nascido em São Paulo. Cosmopolita, polêmico e iconoclasta, tornou-se figura central do modernismo brasileiro. Sinalizou caminhos da vanguarda artística ao assinar os manifestos *Pau-Brasil* (1924) e *Antropofágico* (1928). MA rompe a amizade com Oswald em 1928, mas continuou acompanhando a atuação literária dele. LCC conservou em sua biblioteca o romance *Marco Zero II. Chão*. (Rio de Janeiro: José Olympio, 1944) e *Um homem sem profissão*: memórias e confissões. (Rio de Janeiro: José Olympio, 1954), este com dedicatória: "Ao Luís da Câmara/ Cascudo/ o cordial abraço/ do / Oswald/ 1954".

complicadíssimos vai-se embora pra Europa sem a gente saber. Duma das últimas vezes eu o tinha numa fazenda quando recebi carta dele de Paris! Chegou ontem mesmo de Paris. Viaja hoje não sei pra onde. Estará no Rio na semana que vem. Está em véspera de nova viagem pra Europa. É fantástico. *Pau Brasil* que já conhecia e reli hoje de manhãzinha é pra mim o melhor livro dele. Poesia genuína no sentido de lirismo. É lógico: a feição dele é o lirismo meio cômico, às vezes cômico por inteiro, divertido alegre de sujeito que come como você não imagina, passa bem é feliz dentro de todas as vicissitudes macotas que lhe têm enriquecido a vida. Porque também ele é um pouco malabarista das vicissitudes. Brinca com elas e se diverte. A primeira parte são frases tiradas de cronistas e arranjadas juntas. É um dos achados líricos mais soberbos e ricos que nunca se fez. Que coisas lindas conseguiu construir com frases de Ganda-vo, de Fernão Dias, de Frei Vicente...⁵³ Você verá. Ciao.

E mandarei uns exemplares da *Escrava*. Distribua se quiser.

CARTA DATADA: "S. PAULO 6-IX-925"; DATILOSCRITO, FITA VERMELHA, AUTÓGRAFO A TINTA PRETA; PAPEL CREME, FILIGRANA; 2 FOLHAS; 33,0 x 21,7 CM; RASGAMENTO NAS BORDAS; RASGAMENTO NO CANTO INFERIOR ESQUERDO.

53 A parte inicial de *Pau Brasil* (Paris: Sans Pareil, 1925) de Oswald de Andrade intitula-se "História do Brasil".